



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro Biomédico
Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes

Vinicius Souza Magalhães Leite

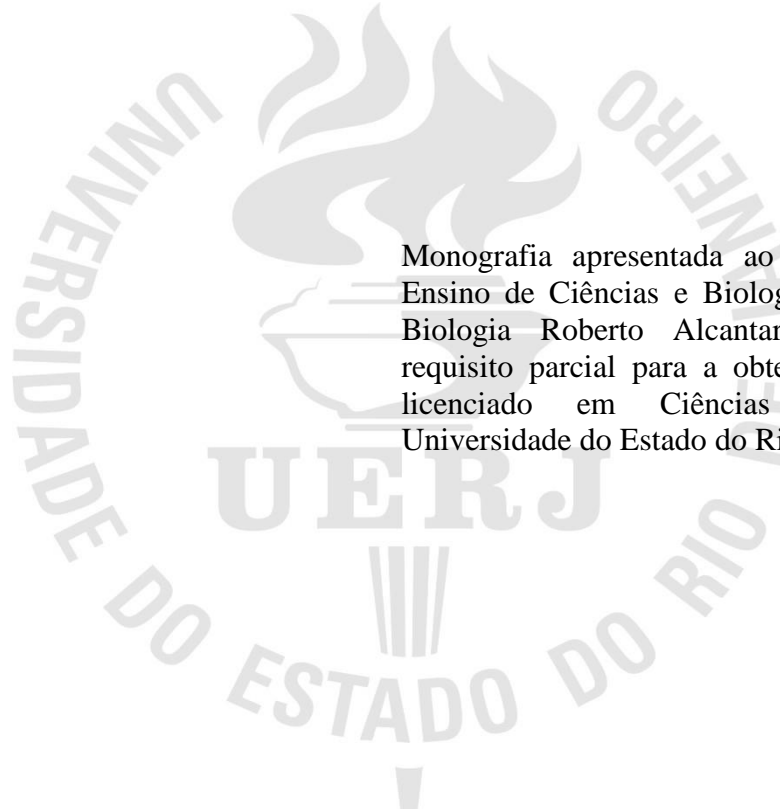
**Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos publicados nas Atas
do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997- 2015)**

Rio de Janeiro

2017

Vinicius Souza Magalhães Leite

**Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos publicados nas Atas do I-X
Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)**



Monografia apresentada ao Departamento de Ensino de Ciências e Biologia do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cristina Ferreira dos Santos

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/A

L533 Leite, Vinicius Souza Magalhães.
Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos publicados nas Atas do I-X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)/ Vinicius Souza Magalhães Leite. – 2017. 62f. : il.

Orientadora: Maria Cristina Ferreira dos Santos
Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes.

1. Ciências – Estudo e ensino - Monografias. 2. Gênero - Monografias. 3. Identidade sexual - Monografias. I. Santos, Maria Cristina Ferreira dos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes. III. Título.

CDU 50:37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução parcial desta monografia, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Vinicius Souza Magalhães Leite

**Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos publicados nas Atas do I-X
Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)**

Monografia apresentada ao Departamento de Ensino de Ciências e Biologia do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Ciências Biológicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Maria Cristina Ferreira dos Santos (Orientadora)

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e Faculdade de Formação de Professores/UERJ

Prof.^a Dra. Rosane Moreira Silva de Meirelles

Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes/UERJ

Prof.^a Dra. Debora de Aguiar Lage

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira /UERJ

Prof.^a Dra. Andréa Espinola de Siqueira (Suplente)

Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes/UERJ

Rio de Janeiro

2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Deus por permitir que eu trilhasse os caminhos que trilhei, conhecesse as pessoas que conheci, os amigos que fiz e experiências vividas até aqui. Aos meu pais, pelo apoio incondicional, compreensão, força, motivação e amor, muito amor cedido a mim durante toda minha vida. Papi, obrigado por mesmo longe se fazer perto e constante sempre. Mami, minha fortaleza e porto seguro em todos os momentos e fases de minha caminhada, obrigado pelos infinitos filmes, conselhos, puxões de orelha, afagos, carinhos, beijinhos, abraços e risadas. Sem você eu nada seria. À Marise, minha “mãedrastra” sempre disposta e pronta pro que der evier.

Ao meu irmão Peppe, pela disposição eterna em ouvir meus surtos e falatórios por whatsapp. Aos meus irmãos Carolina e Guilherme pelos momentos gostosos juntos. À minha família toda pelo amor e carinho que são sempre seguidos de risadas e piadas sobre tudo e sobre a vida. Aos meus avós pela preocupação e carinhos constantes, além da ajuda de toda a sorte dada a mim, incansavelmente. Vocês são meu tesouro precioso!

Agradeço à minha orientadora, por ter aceitado essa “empreitada” comigo, exercendo firmeza e orientação boa sempre em nossos encontros. Aos meus amigos do Martins: Andressa, Ygor, Duda e Jo, pelos anos de lealdade, momentos de festança e gargalhadas de tirar o fôlego em momentos pesados.

Aos meus amigos da AEI pela união comum à fé e a um ideal só. Obrigado pelos incontáveis encontros de comilança e histórias vividas.

Aos Keds/Clone Club: Ana, Rafa, Mi e Lando pela sinergia e sincronismo comum a nós e pela identificação instantânea que nos uniu e une até hoje. Amo vocês!

Aos Supremos: Mari, Jéssica, Thainá e Thayan pelos momentos genialmente engraçados e pelo humor maravilhosamente despretensioso.

Aos amigos BioUERJ 2012.2 por esses 4 anos de descobrimento, tretas, risadas e histórias.

À equipe LABMIT por me acolher, aconselhar, treinar e ouvir muito bem.

Ao OTK, pelas madrugadas de conversas, histórias, áudios intermináveis de gargalhadas (na maioria das vezes, minhas) e piadas internas criadas. Não há distância que enfraqueça o que um dia veio a ser tão único e especial. Cada uma de vocês tem lugar especial nessa jornada.

Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

À minha mãe amada, que me ensinou desde sempre a ser humano. Ao meu pai, pelo carinho e compreensão sempre incansáveis. Aos amigos e amores, pelo companheirismo e lealdade. Dedico também este trabalho especialmente ao meu amigo Thayan Lopes. Que você tenha encontrado descanso, paz, luz e muito amor onde quer que esteja.

RESUMO

LEITE, V.S.M. *Gênero, sexualidade e suas diversidades em trabalhos publicados nas Atas do I-X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)*. Rio de Janeiro. 2017. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas). Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

A construção de discursos sobre gênero e sexualidade no campo educacional vem crescendo. Torna-se essencial refletir e discutir a temática, indo além dos aspectos biológicos e contextualizando com aspectos históricos, afetivos e subjetivos no âmbito das questões sociais e culturais. O objetivo geral desse estudo foi realizar o levantamento, o mapeamento e reflexões sobre os trabalhos que abordam gênero, sexualidade e suas diversidades nas Atas do I ao X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com abordagem quali-quantitativa. O levantamento foi realizado por meio da busca com as palavras-chave “gênero”, “sexualidade”, “diversidade de gênero” e “diversidade sexual” em títulos, resumos e palavras-chave de trabalhos publicados nas Atas do I-X ENPEC (1997 – 2015). Foram selecionados 72 em um total de 7032 trabalhos nas dez edições. Os trabalhos selecionados foram categorizados e classificados por eixos temáticos, abordagens metodológicas, procedimentos e técnicas de coleta de dados, nível de ensino e autores citados. O eixo “Percepções/Concepções/Representações Discentes” apresentou o maior número (20) de trabalhos. Em relação à metodologia, a pesquisa qualitativa e o questionário foram os mais utilizados. Nos trabalhos que trataram de gênero, os enfoques em maioria foram os das relações desiguais de papéis de gênero, sexismo e machismo. Poucos trabalhos abordaram a diversidade e identidades de gênero. Notou-se uma tendência em se abordar a sexualidade sob a perspectiva curricular, além das perspectivas da educação sexual e da sexualidade relacionada à saúde, como em DST e gravidez precoce. Poucos trabalhos trataram da diversidade sexual, principalmente em relação à homossexualidade e a homofobia. Aponta-se a relevância de futuros estudos na área abordarem questões de diversidade de gênero e diversidade sexual em espaços educativos.

Palavras-chave: Ensino de Ciências; Pesquisa Bibliográfica; Diversidade Sexual; Diversidade de Gênero.

ABSTRACT

LEITE, V.S.M. *Gender, sexuality and its diversities in papers published in the proceedings of the I-X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015)*. Rio de Janeiro. 2017. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas). Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

The construction of speeches on gender and sexuality in the educational field has been growing. It is essential to reflect and discuss the theme, going beyond the biological aspects and contextualizing with historical, affective and subjective aspects within the scope of social and cultural issues. The general objective of this study was to carry out the survey, mapping and reflections on the works that address gender, sexuality and their diversity in the Annals of the I to the X National Meeting of Education in Sciences Research (ENPEC). A bibliographical research was carried out, with a qualitative-quantitative approach. The survey was carried out by means of a search with the keywords "gender", "sexuality", "gender diversity" and "sexual diversity" in titles, abstracts and keywords of works published in the Annals of IX ENPEC (1997 - 2015). Seventy-two out of a total of 7032 papers were selected in the ten editions. The selected papers were categorized and classified by thematic axes, methodological approaches, data collection procedures and techniques, level of education and authors cited. The axis "Perceptions / Conceptions / Representations of Students" presented the largest number (20) of works. Regarding the methodology, the qualitative research and the questionnaire were the most used. In the studies that dealt with gender, the focus was on the unequal relations of gender roles, sexism and machismo. Few papers have addressed diversity and gender identities. There was a tendency to approach sexuality from a curricular perspective, as well as the perspectives of sex education and health-related sexuality, such as in STDs and early pregnancies. Few studies have dealt with sexual diversity, especially in relation to homosexuality and homophobia. It is pointed out the relevance of future studies in the area to address issues of gender diversity and sexual diversity in educational settings.

Key words: Science Education; Bibliographic Research; Sexual Diversity; Gender Diversity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorização por eixos temáticos e seus respectivos significados.....	27
Quadro 2 – Trabalhos selecionados relacionando códigos estabelecidos, autores e título.....	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número total e distribuição dos trabalhos selecionados por edição do ENPEC.....	29
Tabela 2 - Distribuição dos trabalhos nos eixos temáticos estabelecidas.....	34
Tabela 3 – Tipos de abordagens metodológicas utilizadas em cada trabalho.....	40
Tabela 4 – Distribuição dos trabalhos por procedimentos de obtenção de dados.....	41
Tabela 5 – Distribuição dos trabalhos analisados por níveis de ensino.....	42
Tabela 6 – Autores mais citados nos trabalhos selecionados dos ENPEC.....	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAPEC	Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências
AIDS	Acquired Immunodeficiency Syndrome
DST	Doença Sexualmente Transmissível
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
ENPEC	Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
LD	Livro Didático
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MECA	Metodologia de Ensino com Analogias
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONP	Observação Não-Participante
OP	Observação Participante
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SDI	Sequência Didática Interativa
SciELO	Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
1.1 Gênero e Sexualidade – Conceituações, Espaço, Tempo e Contexto Histórico.....	15
1.2 Gênero e Sexualidade na Escola.....	20
1.3 Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências e Biologia	22
2. METODOLOGIA	25
2.1 <i>Corpus</i> de Análise	26
2.2 Procedimentos de coleta e análise dos dados	27
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29
3.1 Análise dos Eixos Temáticos.....	33
3.2 Análise das Abordagens Metodológicas.	39
3.3 Níveis de ensino	41
3.4 Análise dos autores citados nos trabalhos	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICE A – Referenciais teóricos utilizados pelos autores dos trabalhos publicados nas atas dos ENPEC	55

INTRODUÇÃO

Desde criança busquei entender como o mundo compreendia, via e lidava com o diferente, com o que não se encaixava no padrão proposto e esperado pela sociedade. Ao longo de minha trajetória escolar e acadêmica pude perceber que tais questionamentos permeavam minha compreensão acerca do que eu entendia sobre gênero e sexualidade. A essas questões de identificação e atração afetivo-sexual, somam-se conhecimentos sobre gênero e sexualidade que constituem algumas entre as discussões polêmicas e controversas da atualidade. As diferentes manifestações de gênero e sexualidade desafiam a normatividade imposta pela sociedade, gerando muitas vezes discriminação e preconceito.

Na atualidade, questões envolvendo gênero e sexualidade são abordados frequentemente pelos meios de comunicação, estando presentes nas novelas, noticiários, filmes e na internet. O destaque para a discussão da sexualidade ultrapassa os discursos morais e religiosos, sendo pautado no eixo dos direitos presentes nas reivindicações de movimentos sociais, principalmente o movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) e o movimento feminista, amparados pelas organizações não governamentais, fundações e agências de fomento nacionais e internacionais (CALAZANS, 2005). Tais temas também têm ganhado visibilidade no currículo escolar, no Ensino Fundamental e Médio.

As questões de desigualdades de gênero, sexualidade, etnia e classe (e o encontro destas várias categorias que se multiplicam e influenciam as relações de poder) constituem um dos principais campos de força na demarcação da noção de um indivíduo socialmente aceito e normatizado (SCOTT; LEWIS; QUADROS, 2009, p. 15). No convívio em sociedade, as diferenças e complexidades existentes entre os indivíduos se reforçam ao contato com variada gama de particularidades do ser humano, e o campo afetivo-sexual é uma dessas particularidades mais intrigantes e misteriosas, assim como o campo da autoidentificação, que desde os primórdios da sociedade se manifesta de diversas formas.

Quando se fala de diversidade, diferença e direitos, fala-se também de democracia, no que diz respeito a uma suposta “igualdade” entre os indivíduos. A construção da democracia em nossa sociedade passa não só pelo crivo normativo, mas pelo cultural também. Neste sentido, é importante a formação de valores e práticas que visem o respeito às diferenças e à construção da diversidade (SCOTT; LEWIS; QUADROS, 2009, p. 65).

É comum ocorrer a desqualificação de determinadas visões de mundo como sendo “ideológicas”, ou seja, um ideário sem ancoragem na realidade, no que é verossímil.

Extrapolando as problematizações para o campo educacional, a forma como os alunos são avaliados e percebidos pelos adultos impacta fortemente a percepção que essas crianças e jovens têm de si. Devemos considerar também que as violências de gênero, homofobia e outras manifestações discriminatórias estão entre as principais causas da evasão escolar (DINIS, 2011).

Quando se aborda a diversidade associada às perspectivas de gênero e sexualidade, esse tema muitas vezes causa repulsa e estranhamento a pais e professores. Por que não estamos preparados para lidar com os mais diversos espectros e manifestações que o gênero e a sexualidade podem ter? Sem o auxílio da equipe pedagógica na escola e com escassez de produções didáticas, como livros, revistas e periódicos, que contribuam para aprofundar e discutir essas questões, tornam-se difíceis o tratamento e a abordagem desses assuntos pelo professor em sala de aula.

Nesse estudo pretende-se contribuir para o conhecimento das pesquisas sobre gênero, sexualidade, diversidade de gênero e de sexualidade na área de ensino de ciências. Para isso foram analisados trabalhos publicados no I ao X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), um evento nacional que reúne pesquisadores de todas as regiões do Brasil. Buscou-se responder à questão de pesquisa: como os trabalhos publicados de 1997 a 2015 nas Atas do I ao X ENPEC abordam e explicam as questões relacionadas a gênero, sexualidade e suas diversidades?

Inicialmente são apresentados os aportes teóricos que fundamentam esse estudo e a metodologia utilizada. Em seguida são indicados os eixos temáticos, as abordagens metodológicas, os níveis de ensino e os autores citados nos trabalhos analisados, relacionando os dados analisados a trabalhos de outros pesquisadores na área.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Discutir a importância do ensino sobre questões relacionadas a gênero, sexualidade e suas diversidades.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar o levantamento dos trabalhos que abordam gênero, sexualidade, diversidade sexual e/ou de gênero nas Atas do ENPEC;
- Identificar e descrever os eixos temáticos em que foram estruturados os trabalhos;
- Identificar e analisar as abordagens metodológicas utilizadas pelos autores, no que diz respeito a técnicas, instrumentos e procedimentos de coleta de dados;
- Identificar os níveis de ensino a que se referem os trabalhos que abordam essa temática e refletir sobre sua representatividade;
- Identificar os autores citados com maior frequência nos trabalhos e refletir suas respectivas contribuições teóricas para o campo.

JUSTIFICATIVA

A importância deste trabalho é realizar um mapeamento do estado do conhecimento nas pesquisas no ensino de ciências acerca das questões que envolvem gênero, sexualidade e diversidades, para apontar tendências e subsidiar futuros trabalhos na área. Esse estudo também pode contribuir para um entendimento sobre a problemática relacionada à diversidade de gênero e sexual, tanto na realidade escolar como no ensino de ciências e biologia.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ainda que se reconheça a importância das construções sociais e culturais na constituição do mundo e dos sujeitos, não são bem-sucedidas todas as tentativas de se ilustrar o caráter social de estruturas que parecem tão naturalizadas: o corpo, o sexo, as diferenças entre machos e fêmeas e o caráter da manifestação dos gêneros e das sexualidades. Para saber como as relações de gênero e sexualidade existem e se definem, necessário é que se faça um percurso histórico, levantando e discutindo pontos importantes na trajetória teórica desses dois conceitos, utilizando os aportes teóricos de Guacira Louro (1997), Judith Butler (2010) e Joan Scott (1995), nas discussões sobre gênero, e Foucault (1993), que trata da sexualidade como um elemento intrínseco e histórico ao indivíduo. Neste trabalho trataremos principalmente das discussões relacionadas a gênero e sexualidade, pontuando outras conceituações e definições importantes como sexo, identidade sexual e orientação sexual.

1.1 Gênero e Sexualidade: Conceituações, Espaço, Tempo e Contexto Histórico

Compreendemos três conceitos distintos e independentes: o sexo, o gênero e a sexualidade. O sexo em questão trata-se dos corpos; do instrumento ou meio pelo qual a sexualidade se manifesta; as unidades biológicas orgânicas de cada indivíduo; as características biológicas de homens e mulheres, assim como os caracteres sexuais secundários decorrentes da ação hormonal; estruturação física a partir do critério da genitália com a qual o indivíduo nasceu (MONEY, 1998). O conceito de gênero se baseia na perspectiva pós-estruturalista dos estudos culturais (LOURO, 1997).

O espectro de gênero é definido pelos papéis sociais impostos culturalmente aos indivíduos. Usualmente atribuiu-se o papel de homem aos indivíduos com caracteres sexuais externos masculinos e o de mulher a indivíduos com caracteres sexuais externos femininos. Entretanto, essa conceituação não é uma regra, uma vez que os papéis sociais de homem e de mulher são atribuições sócio-histórico-culturais definidas em cada contexto específico.

Ao relativizar gênero como uma categoria de análise histórica (SCOTT, 1995), é possível perceber que este termo é utilizado de diversas formas, muitas vezes polissêmicas. Isso ocorre porque a palavra faz parte de diferentes culturas e varia de acordo com seu contexto histórico, social e político (SCOTT, 1995; HARAWAY, 2004). De acordo com Scott (1995), gênero é um termo abrangente e deve ser compreendido como “[...] uma forma de

classificar fenômenos, [como] um sistema socialmente consensual de distinções”. Para a autora, gênero remete a construções culturais que emergem de relações de poder entre pessoas e com o contexto em que estão inseridas, é “[...] uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos”. O termo indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

Butler (2010) também discorre acerca das noções de gênero, relacionando-o a uma noção de performatividade. Para ela, o gênero é uma produção social, ou seja, é um ato intencional construído ao longo dos anos, de fora para dentro e de dentro para fora, não devendo ser visto como um atributo fixo de uma pessoa, mas como uma variável fluida, apresentando diferentes configurações. Butler acredita que é preciso tratar os papéis homem-mulher ou feminino-masculino, não como categorias fixas, mas constantemente mutáveis, fora do padrão voltado para a reprodução. A busca pela desconstrução de todo tipo de identidade de gênero que oprime as características pessoais de cada indivíduo deve ser constante: num cenário ideal, cada indivíduo em sua plenitude e totalidade deveria ser livre e capaz de escolher o gênero a que quer pertencer. A essa noção, configura-se a diversidade e multiplicidade dos gêneros que podem vir a existir. A identidade de gênero refere-se à experiência interna, própria e individual do gênero de cada indivíduo, podendo ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento (JESUS et al., 2008.p.16).

Butler (2010) utiliza referenciais foucaultianos na definição de gênero e questiona se o sexo teria uma história ou se seria apenas uma estrutura dada, sem questionamentos. A autora discorda da ideia de que só é possível elaborar teorias sociais sobre o gênero, enquanto o sexo pertenceria apenas ao corpo e à natureza. Com isso, Butler se propôs a historicizar o corpo e o sexo e dissolver essa dualidade “gênero x sexo”. Os elementos gênero, sexualidade e sexo configuram-se então dissociáveis uns dos outros e independentes em seus campos, manifestações, significados, contextos e problemáticas.

Em sua obra “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, Butler (2010, p. 25) afirma que “[...] o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...]; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”. Se uma criança que está no ventre materno possuir um pênis, é um menino e deverá ser condicionado para sentir atração por meninas. Para dar fim a essa lógica que tende à reprodução e ao determinismo biológico, Butler (2010, p. 25) afirma que “[...] necessário se faz subverter a ordem compulsória, desmontando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo”. O conceito de gênero cabe à legitimação dessa ordem, na medida em que seria um instrumento expresso

principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo social. Nesse sentido, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução.

O gênero enquanto categoria começou a ser questionado na sua fundamentação no seio do feminismo. O uso mais recente e difundido de conceituação desta palavra parece ter surgido primeiro entre as feministas americanas que entendiam o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo (LOURO, 1997). A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Além disso, gênero sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades, ditando o ser ou não ser em relação a comportamentos femininos (SCOTT, 1989).

Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino/feminino em diversas e dinâmicas masculinidades/feminilidades, remetendo a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas. Tais disputas envolvem processos de configuração de identidades, definições de papéis, funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes distribuições de recursos e de poder e estabelecimento e alteração de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres, nas diferentes sociedades e ao longo do tempo. Louro (2007, p. 209) afirma que:

[...] problematizar a noção de que a construção social se faz *sobre* um corpo significa colocar em questão a existência de um corpo *a priori*, quer dizer, um corpo que existiria *antes* ou *fora* da cultura. A identificação ou a nomeação de um corpo (feita no momento do nascimento, ou mesmo antes, através de técnicas prospectivas) dá-se, certamente, no contexto de uma cultura, por meio das linguagens que essa cultura dispõe e, deve-se supor, é atravessada pelos valores que tal cultura adota.

Assim, a demarcação do gênero não é somente a descrição biológica de um corpo, mas aquilo que faz esse corpo existir. O corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem.

Quando tratamos de sexualidade, lidamos com uma definição atrelada à expressão dos interesses, atrações, prazeres e predileções no campo da afetividade física e amorosa. Segundo a OMS (1975):

A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros

aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato, intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas.

Em relação à identidade sexual, Nagem (2005) afirma que ela é construída a partir da apreensão de valores, conceitos e costumes atrelados à sexualidade que um indivíduo incorpora como verdade para si. Essa identidade pode ser compreendida e analisada a partir de três dimensões: a dimensão biológica, a dimensão de gênero e a orientação de desejo. A dimensão biológica é definida pelo caráter genético (genótipo e fenótipo) e pelas características externas observáveis e invariavelmente designadas como o sexo masculino – presença de pênis e configuração cariotípica XY – e o sexo feminino – presença de vulva e configuração cariotípica XX. Os caracteres fisionômicos também fazem parte dessa atribuição. A dimensão de gênero é definida pelos papéis sociais impostos culturalmente aos indivíduos tidos como homens e mulheres. Já as orientações de desejo são definidas através das manifestações conhecidas da sexualidade humana: a bissexualidade (indivíduos que exercem sua sexualidade com pessoas do mesmo sexo biológico que o seu ou com pessoas de sexo biológico diferente), a heterossexualidade (indivíduos que exercem sua sexualidade com pessoas de sexo biológico diferente do próprio) e a homossexualidade (indivíduos que exercem sua sexualidade com pessoas do mesmo sexo biológico que o próprio). Além disso, existem diversas manifestações da sexualidade humana ainda pouco estudadas e conhecidas - como a panssexualidade - e outras mais definições e atribuições (NAGEM,2005).

Foucault (1993) discorre que discursos e debates acerca da sexualidade humana começaram a surgir desde tempos remotos e que sempre houve repressões da sociedade ao indivíduo que procurava manifestar sua sexualidade, da maneira que fosse. O autor ainda questiona o porquê de esta temática ser tão permeada por tabus que a própria sociedade lança, realizando juízos de valor acerca das relações que os indivíduos com suas sexualidades.

A sexualidade (cujo termo Foucault trata como sexo, em sua obra) assim como o gênero, configura uma relação com o poder e a opressão. Essa relação de poder *versus* sexualidade Foucault (1993, p. 81) qualifica como negativa:

Com respeito ao sexo, o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo: rejeição, exclusão, recusa, barragem, ou, ainda, ocultação e mascaramento. O poder não “pode” nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz discontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam a forma geral do limite e dalacuna.

O sexo estaria limitado então ao que é socialmente permitido e não permitido de realizar-se por intermédio de suas manifestações e se elas seguem a “coerência binária” estabelecida:

O poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo ficareduzido, por ele a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma “ordem” que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei (FOUCAULT, 1993, p. 81).

O gênero e a sexualidade sofreram e ainda sofrem influências de religiões e religiosidades, que por anos perduraram na insistência de castigos, punições e condenações aos que ousassem manifestar seus gêneros e sexualidades como quisessem, uma vez que essas mesmas manifestações eram impuras, profanas ou ainda erradas por não serem àquelas prescritas pela sociedade e aos olhos do divino (COUTINHO,2014).

Diversidade, gênero e sexualidade só podem ser analisados se for possível compreender e aceitar que a organização social passa pela elaboração de fundamentos, normas e sistemas a ela inerentes, os quais se distinguem dos criados por outros grupos. A diversidade define as muitas faces assumidas pela esfera sexual humana. Jesus et al. (2008, p.16) definem diversidade sexual como a expressão utilizada para denominar as várias formas de expressão da sexualidadehumana.

Levando em consideração o grau de complexidade das interações sociais estabelecidas, das diferenças culturais, dos idiomas e hábitos distintos, entre outros elementos que conferem identidade às diferentes sociedades, torna-se mais fácil compreender a diversidade sexual (FILHO; CAMPOS; SANTOS, 2015). Cabe ressaltar que diversidade não se limita apenas ao exercício do sexo, mas igualmente ao que configura a sexualidade, assim como o gênero: as experiências de vida, os costumes assimilados ao longo da existência, as emoções, os apetites, o modo de agir e a forma como as pessoas se veem e são vistas pelos outros.

Podemos considerar então que gênero e sexualidade são construções sociais permeadas por perspectivas biológicas, normativas, essencialistas e determinísticas, perpetuadas ao longo dos séculos por um modelo de sociedade machista, patriarcal e binária, que insiste em moldar um ideário comportamental do que deveria vir a ser um homem ou uma mulher.

1.2 Gênero e Sexualidade na Escola

As discussões que permeiam conceitos de gênero e sexualidade estão fortemente atreladas ao conceito de corpo e sofrem os impactos presentes na realidade escolar. A escola, por seus propósitos, pela obrigatoriedade legal e por abrigar distintas diversidades (de gênero, sexual, étnico-racial, cultural) torna-se responsável, juntamente com estudantes, familiares e a comunidade como um todo, por construir os caminhos para a eliminação de preconceitos e de práticas discriminatórias. Educar para a valorização da diversidade não é, portanto, tarefa apenas daqueles que integram o corpo escolar; é responsabilidade de toda a sociedade e inclusive do Estado (BARRETO, ARAÚJO e PEREIRA, 2009, p. 31)

O gênero, assim com a sexualidade, tornou-se ao longo do tempo uma pauta recorrente e indispensável em sala de aula. Pensar em gênero na sala de aula é refletir sobre diferentes identidades que configuram, coabitam e coexistem no espaço escolar. A tendência de explicar fenômenos humanos através de concepções biológicas é frequente, quando se fala de gênero e sexualidade. Ribeiro (2007) compreende a sexualidade não apenas como um quesito puramente biológico, universal e “genitálico”, mas sim como uma construção histórica, cultural e social, que articula saberes e poderes para o governo do sexo através dos corpos e das maneiras de as pessoas viverem seus prazeres. Essa temática está presente em documentos e propostas curriculares oficiais e define, muitas vezes, entendimentos e direcionamentos de professores e professoras acerca de categorias identitárias como corpo, sexo, sexualidade e gênero (CARVALHO, 2007).

A escola reproduz o modelo pré-concebido pela sociedade, inibindo desejos dos jovens e restringindo-os a uma só possibilidade de vivenciar sua sexualidade e seu gênero. Com isso, os indivíduos encaram essas questões como sendo algo que deva ser escondido, controlado e principalmente evitado. A maneira como a escola e o professor lidam com as relações de gênero, na maioria das vezes, ocorre em decorrência do estabelecimento de espaços binários que aprisionam as identidades dos sujeitos. Tais espaços, ao serem transgredidos, deixam o docente desorientado e em dúvidas ao lidar com as questões referentes a gênero (SILVA, 2014).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), nos temas transversais a questão do gênero em relação à construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões derivam das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças

biológicas dos sexos e transmitidas através da educação, o que atualmente recebe a denominação de “relações de gênero”. Essas representações internalizadas são referências fundamentais para a constituição da identidade do indivíduo. Louro (2007, p. 209) prossegue esclarecendo que:

[...] a ancoragem da sexualidade na Biologia costuma ser mais resistente do que ocorre em relação ao gênero. A aceitação da existência de uma matriz biológica, de algum atributo ou impulso comum que se constitui na origem da sexualidade humana persiste em algumas teorias. Quando isso ocorre, opera-se com uma noção universal e trans-histórica da sexualidade e, muitas vezes, remete-se ao determinismo biológico. O construcionismo social, já mencionado, contrapõe-se a essa ótica. Melhor seria dizer, no plural, que as perspectivas construcionistas opõem-se às perspectivas essencialistas e deterministas, uma vez que, como foi salientado, há um leque de compreensões distintas sobre o que vem a ser ou como se dá essa construção social.

O currículo escolar pouco aborda questões concernentes ao papel e à relação que estabelecem os corpos, os gêneros e as sexualidades, tanto isolados quanto inter-relacionados. Ao longo do tempo, diferentes discursos sobre sexualidade e gênero coexistiram e ainda coexistem sendo disputados no âmbito dos discursos e práticas de instituições e atores sociais. Desse modo, a valorização da diversidade sexual e da igualdade de gênero convive e é confrontada com outros enfoques, como a ênfase nas convenções de gênero e nos padrões de heteronormatividade (HENRIQUES et al., 2007). Sobre como essas relações manifestam-se no cotidiano escolar, Bortolini (2011) esclarece que:

[...] a coexistência de diferentes sujeitos e construções culturais no interior da escola nos faz pensar sobre os processos de interação que se dão nesse contexto de relações sociais. Diferentes correntes vêm produzindo teorias e categorizações que nos ajudam a pensar essas relações que envolvem igualdade, desigualdade e diferença.

A escola permanece sendo o espaço promotor do intercâmbio de valores, vivências, realidades, culturas e costumes. As discussões acerca de gênero, sexualidade e suas diversidades se torna necessária nesses contextos, recortes e realidades diferentes nos quais estão inseridos crianças e jovens. Entender como eles estão lidando com estas questões nas escolas é crucial para que haja diálogo e espaço para o professor promover tais debates e reflexões acerca da diversidade existente sobre os gêneros e as sexualidades.

Trabalhar diversidade nas escolas, tanto de gênero como sexual, pressupõe disposições de professoras e professores de não se restringirem a uma normalidade de práticas e discursos sexuais. Perguntar pela normalidade é pertencer ao mundo definido e mapeado pelos processos disciplinadores e normalizadores. Para adentrar outra lógica, professoras e professoras, segundo Britzman (1999), necessitam produzir a capacidade de desestabilizar o conhecimento em nome da liberdade. Nesta perspectiva, sexualidade, educação sexual e

diversidade sexual se referem a práticas de liberdade, na medida em que os limites da compreensão deverão ser transcendidos em nome de outras possibilidades tanto de conhecer como de amar (CÉSAR, 2009, p. 49).

Além disso, os trabalhos de orientação sexual nas escolas enquanto práticas pedagógicas – a fins de promover um maior entendimento, debate e discussão acerca de tais questões – podem ser executados das mais variadas formas, tais como: inclusão da orientação sexual como mais disciplina fixa, real e estabilizada no currículo; orientação sexual desenvolvida dentro de disciplinas já existentes e orientação sexual desenvolvida por profissionais de fora da unidade escolar, por exemplo. Seja qual for a forma escolhida, como ação pedagógica-educativa formal, exige um planejamento no qual é preciso definir conteúdos, métodos, materiais a serem utilizados e, principalmente, objetivos a serem alcançados para efetivar essa proposta de ensino (ALTMANN, 2003). Aquino (1997) esclarece que a orientação sexual desenvolvida na escola deve ocorrer em um âmbito coletivo, informando e discutindo a sexualidade em suas dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais. Quando esse entendimento é veiculado a um projeto educativo, exerce uma ação integradora das experiências vividas pelo aluno e no qual deverá ser incluída, como um elemento ligado à sua vida, à saúde e ao bem-estar.

1.3 Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências e Biologia

Conforme Carvalho (2007), as abordagens sobre sexualidade nos espaços escolares elegem a Biologia e as Ciências e os professores e professoras dessas disciplinas como locais e agentes privilegiados na construção de saberes e respostas sobre sexualidade humana. Apresentadas sob a perspectiva de educação sexual, as discussões acerca da sexualidade humana são recorrentemente tratadas como temas do ensino de ciências, biologia e de outras áreas do conhecimento, sendo também contextualizadas em propostas curriculares e documentos educacionais brasileiros como possibilidades de intervenção pedagógica que objetivam a formação de valores, de condutas éticas e de entendimentos sobre corpo, prevenção de doenças e de gravidez e sobre as relações de gênero (ALTMANN, 2005; BONFIM, 2009).

A relação dessas temáticas com o ensino de ciências se dá na medida em que o campo torna-se um espaço privilegiado para a abordagem de conteúdos, tais como o corpo humano e reprodução. No entanto, partindo dessa premissa, as práticas educativas acabam pautando-se

somente em um viés biológico, no que diz respeito das anatomias corporais, desconsiderando que este corpo estudado está inserido em dimensões sociais, afetivas e históricas (COSTA e SOUZA, 2016). As pesquisas nesse sentido são escassas, uma vez que aproximam a temática em uma dimensão mais ampla ao ensino de ciências, e, em particular no que diz respeito aos primeiros anos do ensino fundamental (FURLANI, 2011; RIBEIRO, 2002). Estas se concentram em sua maioria nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, por haver nas disciplinas de ciências e biologia um lugar legítimo discursivamente acerca das questões de sexualidade e relações de gênero (LOURO, 1997; FURLANI, 2011).

O ensino de ciências vem passando por transformações didáticas e epistemológicas nos currículos escolares dos anos iniciais, desde sua obrigatoriedade em meados dos anos 1970 (BRASIL, 1997). Dessa forma, um dos grandes desafios da área parte de uma desconstrução da “cientificidade”, da ênfase do método científico e da formação de cientistas, o que acaba distanciando a ciência e os conhecimentos científicos do cotidiano, da vivência e das diferentes realidades dos estudantes (DELIZOICOV, ANGOTTI e PERNAMBUCO, 2011).

Para Barcelos e Jacobucci (2011) e Bonfim (2009), o ensino de ciências ainda se baseia em informações reducionistas e biológicas que ignoram influências e relações com aspectos sociais, históricos, políticos e interesses dominantes. As ciências e suas significações devem ser relativizadas e questionadas, pois segundo Souza e Dinis (2010, p. 123), as questões relativas a identidades sexuais e de gênero “precisam ser problematizadas frente à relação íntima entre epistemologia e poder”.

A presença de uma visão reducionista da sexualidade no ensino de ciências, resumida à aspectos biológicos, vai contra a proposta dos PCN que logo no primeiro parágrafo da apresentação do documento ressalta a importância de uma discussão ampla sobre a sexualidade e gênero no ensino:

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais numa sociedade democrática e pluralista [...]. Pretendo contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro (BRASIL, 1997, p.287).

A perspectiva de uma nova visão das relações de gênero e sexualidade pode contribuir para reflexões sobre as práticas educativas, principalmente no ensino das ciências, haja vista a necessidade da superação de um senso comum pedagógico (DELIZOICOV, ANGOTTI E PERNAMBUCO, 2011), baseado em um ensino cujo pressuposto de que a apropriação de

conhecimentos ocorre pela transmissão mecânica de informações, acaba desconsiderando as relações culturais e sociais envolventes.

Para que seja possível abordar e discutir questões de gênero e sexualidade é preciso haver uma transversalidade entre as diversas áreas de ensino, sendo o ensino de ciências a ponte nesse diálogo. Coelho e Campos (2015) afirmam que é necessário no ensino e na pesquisa em ciências o reconhecimento de significados e sentidos que sustentam a abordagem da temática de gênero e sexualidade, visando à elaboração de novos sentidos que incorporem às discussões já existentes sobre o assunto.

O professor, enquanto figura ativa e fomentadora de reflexão e senso crítico, possui papel chave no processo de direcionamento de jovens mentes no que diz respeito à cidadania, ética e a outros pilares que constituem ideologicamente a sociedade em que vivemos. Cabe a ele abordar questões e dilemas que os alunos possam vir a enfrentar em seus cotidianos particulares durante a vida.

2. METODOLOGIA

A abordagem utilizada foi de pesquisa quali-quantitativa. Nesse tipo de abordagem os princípios qualitativos e quantitativos são empregados simultaneamente, de modo a obter uma compreensão e explicação mais ampla do tema e objeto estudados. Minayo e Sanches (1993, p. 247) afirmam que:

[...] a relação entre quantitativo e qualitativo [...] não pode ser pensada como oposição contraditória [...] é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente e vice-versa.

A pesquisa qualitativa está intrinsecamente relacionada ao levantamento de dados sobre as motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população. Segundo Minayo (2009), essa abordagem se configura por responder a questões muito particulares e trabalha com a dimensão dos sujeitos, significados, motivos, aspirações, características, valores e atitudes. Ludke e André (1986) apontam que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e possui uma análise altamente descritiva dos dados coletados por esse tipo de abordagem, buscando explicar fenômenos sociais e eventos imbuídos de teor subjetivo, presente em grande escala nas Ciências Sociais. A subjetividade é um aspecto extremamente importante para a configuração de uma análise qualitativa.

A pesquisa quantitativa, em contrapartida, prioriza apontar numericamente a frequência e a intensidade dos dados. As formas de coleta de dados de uma pesquisa quantitativa seguem um padrão objetivo, claro e direto e sua análise recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, centrando-se na objetividade como foco de pesquisa (FONSECA 2002, p.20).

Foi realizada uma pesquisa documental, que tem como fonte direta textos e conteúdos que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico ou investigação/análise por parte do pesquisador (SEVERINO, 2007), do tipo bibliográfica, cuja finalidade principal é “[...] colocar o pesquisador em contato com o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado tema”, independente do tipo de registro (publicação, gravação) (MARKONI e LAKATOS, 2003, p.183).

Fonseca (2002) afirma que a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Esse tipo de pesquisa objetiva levantar e analisar conhecimentos sobre um determinado fato, assunto, ideia ou problema para o qual se procura uma resposta ou uma hipótese que se quer experimentar.

2.1 *Corpus de Análise*

Segundo Bauer e Arts (2002), o *corpus* de uma pesquisa é composto pelos materiais identificados como fontes importantes para que um texto possa ser fundamentado e adequado ao caráter científico. Na delimitação do *corpus* de análise, foram selecionados os trabalhos publicados nas atas do I-X ENPEC. Esse evento acontece bianualmente e é promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), com a reunião de pesquisadores brasileiros em educação em ciências. O evento teve sua primeira edição em 1997 e a última em 2015, sendo a 10ª edição. A 11ª edição está programada para julho de 2017, em Florianópolis. O evento “tem como objetivo reunir e promover o câmbio entre pesquisadores das áreas de Ensino de Física, Química, Biologia, Geociências, Ambiente, Saúde e áreas afins, com a finalidade de discutir pesquisas recentes e tratar de temas atuais e recorrentes de interesse da comunidade de educadores em Ciências. [...] Atua, ainda, como fórum de debate, posicionamento e de ações de uma comunidade comprometida com o planejamento, implementação e avaliação de propostas e inovações educacionais e para a circulação de conteúdos científicos e do conhecimento”¹.

Foram selecionados trabalhos publicados nas Atas das dez edições do ENPEC sobre gênero, sexualidade e suas diversidades para a formação do *corpus* de análise dessa pesquisa. A seleção dos trabalhos analisados foi realizada a partir das produções que continham as palavras-chave: “gênero”, “sexualidade”, “diversidade de gênero”, “diversidade sexual” em títulos, resumos e/ou palavras-chave dos resumos. Foi elaborada uma listagem de todos os trabalhos publicados nas atas do I-X ENPEC sobre essa temática.

¹Sobre o ENPEC. <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/index>

2.2 Procedimentos de Coleta e Análise dos Dados

Os dados foram submetidos à técnica de análise de conteúdo. A análise de conteúdo é uma análise de significados que se ocupa de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação e tem como finalidade agrupar as informações conferindo sentido e permitindo a dedução de certos dados (SANTOS, 2012).

Bardin (1995) esclarece que essa técnica tem o intuito de descrever objetiva, sistemática e quantitativamente o conteúdo expresso de uma determinada comunicação. Entre os procedimentos metodológicos de uma análise de conteúdo, usualmente segue-se a seguinte ordem: categorização, inferência, descrição e interpretação. Tais procedimentos não precisam ocorrer necessariamente de forma sequencial. Segundo Bardin (1995), uma categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, logo após, um reagrupamento segundo critérios previamente estabelecidos. Podemos comparar as categorias a “caixas temáticas”, que comportam diversos elementos e figuras sob um mesmo título genérico. É importante destacar que para se categorizar/classificar é importante que as categorias/classes sejam homogêneas e que devam ser selecionadas a partir dos mesmos princípios utilizados para toda a categorização.

No que se refere à interpretação, a partir das inferências torna-se possível discutir os resultados da pesquisa numa perspectiva mais ampla. A partir desse procedimento procura-se atribuir um grau de significação e entendimento mais amplos aos conteúdos analisados. As categorias foram pensadas e propostas a partir da leitura dos títulos, resumos, palavras-chave e dos textos completos de todos os trabalhos selecionados, sendo organizados por categorias (Quadro 1).

Quadro 1 – Categorização por eixos temáticos e respectivos significados.

Eixos Temáticos	Significados
Materiais e Estratégias Didáticas	Trata da abordagem de uso de/por materiais didáticos (livros, dinâmicas, metodologias, abordagens e modelos didáticos) sobre a temática de gênero e sexualidade no ensino de ciências e biologia.
Formação e Saberes Docentes	Aborda as temáticas e discursos sobre gênero e sexualidade na formação inicial e continuada de professores.
Mídia	Retrata como gênero e sexualidade são abordados por meio de veículos midiáticos (revistas, programas, séries etc).

Currículo	Trata de como os temas em questão são abordados em disciplinas/cursos escolares.
Estado do Conhecimento	Trata da abordagem de gênero e sexualidade em trabalhos, artigos e documentos científicos e acadêmicos.
Percepções/Concepções/ Representações Docentes	Reúne trabalhos que compartilham pontos de vista, vivências, histórias, conhecimentos prévios e narrativas de professores acerca dos mais variados temas inseridos nos contextos relativos às temáticas de gênero e sexualidade.
Percepções/ Concepções/ Representações Discentes	Reúne trabalhos que compartilham pontos de vista, vivências, histórias, conhecimentos prévios e narrativas de alunos do ensino fundamental e médio acerca dos mais variados temas inseridos nos contextos relativos às temáticas de gênero e sexualidade.
Reflexões e Estudos Teóricos	Reúne estudos e reflexões de cunho teórico acerca de gênero, sexualidade e/ou suas diversidades.

Fonte: LEITE, 2017.

Os 72 trabalhos selecionados foram também analisados em relação ao nível de ensino, à técnica/instrumento de obtenção de dados e ao referencial teórico utilizado.

3. RESULTADOS EDISCUSSÃO

O levantamento indicou que, no total de 7.032 trabalhos publicados ao longo das dez edições bianuais do ENPEC, 72 trabalhos publicados do III ENPEC ao X ENPEC relacionam-se à temática pesquisada. A primeira e a segunda edições desse evento não apresentaram trabalhos selecionados. Após o levantamento dos trabalhos publicados nas Atas do I-X ENPEC que tratavam de gênero, sexualidade, diversidade sexual e de gênero, foi elaborada uma listagem com o número e percentual de trabalhos publicados por edição do evento (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos trabalhos selecionados por edição do I-X ENPEC (1997-2015).

Edição do ENPEC	Ano	Nº total de trabalhos em cada edição	Nº de trabalhos selecionados	Percentual (%) em relação ao no. total de trabalhos por edição do
I	1997	138	0	0
II	1999	168	0	0
III	2001	235	1	0,04%
IV	2003	416	6	1,4%
V	2005	694	5	0,7%
VI	2007	650	5	0,08%
VII	2009	740	13	1,8%
VIII	2011	1.182	12	1,0%
IX	2013	1.532	18	1,2%
X	2015	1.277	12	0,9%
TOTAL		7.032	72	1,1%

Fonte: LEITE, 2017

A edição do evento com maior número de trabalhos acerca da temática foi a de 2013, IX ENPEC, com 18 publicações. O número absoluto de trabalhos referentes a gênero e sexualidade mostra tendência de aumento até 2009 e de estabilização em 2011. O percentual relativo ao número total de trabalhos em cada edição do evento oscilou entre 0,04% e 1,8%, com média geral de 1,1%, indicando baixo número de produções.

Comparando os resultados desse levantamento com os obtidos por Lima, Silva e Siqueira

(2009), que analisaram as perspectivas de trabalhos sobre sexualidade na educação em ciências, nota-se o aumento do número de trabalhos publicados nas Atas do ENPEC. Os 72 trabalhos foram listados e relacionados, com os títulos e autores de cada produção, para facilitar a sua organização e análise (Quadro 2).

Quadro 2 – Listagem com os trabalhos selecionados nas Atas do III –X ENPEC.

Identificação	Autoria	Título do trabalho
EPIII-1	ANDRADE et al. (2001)	Como os livros didáticos de ciências e biologia abordam a questão da orientação sexual?
EPIV-1	GARCIA, M. F. L.; JÚNIOR, A. L. (2003)	A implementação de um projeto pedagógico sobre sexualidade na escola: resistência e desafios
EPIV-2	RIBEIRO, P. R. C. (2003)	Falando com professoras das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade (...)
EPIV-3	GARCIA, A. M.; ABREU, M. A. F. (2003)	Investigando a escola como ambiente para a prática da orientação sexual
EPIV-4	BRUSCHI, I. C.; KLEIN, T. A. S. (2003)	Sexualidade e adolescência na escola
EPIV-5	KLEIN, T. A. S. (2003)	Sexualidade, adolescência e escola: uma abordagem interdisciplinar
EPIV-6	SILVA, P. M.; CARVALHO, W. L. P. (2003)	Aprendendo e Ensinando: Caminhos do <i>faz de conta</i> real de professoras-educadoras sexuais
EPV-1	NAGEM, R. L.; AMARAL, S. E. (2005)	Analogias e metáforas na educação afetivo-sexual
EPV-2	SILVA et al. (2005)	Currículo e sexualidade: memórias na formação de professores
EPV-3	BARDI et al. (2005)	Orientação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental
EPV-4	MAISTRO, V. I. A. (2005)	Os limites das possibilidades de desenvolvimento de projetos de orientação sexual na escola
EPV-5	RIBEIRO, M. A. P. (2005)	<i>Blog</i> : A escrita hipertextual e as questões de gênero na formação da identidade dos jovens
EPVI-1	ALVES, J. C. S.; CHAVES, A. C. L. (2007)	As necessidades e dificuldades da orientação sexual na visão dos professores de ciências e Porteirinha-MG
EPVI-2	CARVALHO, F. A. (2007)	Educação sexual: conflito entre saberes biológicos e culturais
EPVI-3	BARCELOS et al. (2007)	Integrando licenciatura e programa de educação afetivo sexual – SEE (MG)
EPVI-4	SILVA et al. (2007)	Significados sobre o papel da escola e do/a docente na abordagem de questões de sexualidade, gênero e gravidez na adolescência (...)
EPVI-5	SOUSA et al. (2007)	A visão de alunos sobre a predominância feminina no programa de vocação científica da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
EPVII-1	GARCIA et al. (2009)	Análise da metodologia da problematização utilizando temas da sexualidade: tendências (...)
EPVII-2	JÚNIOR et al. (2009)	Gênero e educação científica: uma revisão da literatura
EPVII-3	MAGALHÃES, J. C.; RIBEIRO, P. R. C. (2009)	Mídia, gêneros e neurociências: a produção das feminilidades e masculinidades nas pedagogias culturais
EPVII-4	LIMA et al. (2009)	Perspectivas da sexualidade na educação: um olhar retrospectivo nas atas do ENPEC

EPVII-5	BARRETO, M. I.; ARAUJO, M. I. O. (2009)	Professores e professoras de ciências de Aracaju-SE frente à homossexualidade
EPVII-6	BARROS et al. (2009)	Sexualidade no currículo escolar: disciplinaridade ou transversalidade?
EPVII-7	SILVA, O. A.; OLIVEIRA, O. B. (2009)	Um estudo sobre a educação sexual apresentada nos encontros nacionais de pesquisa em ciências
EPVII-8	MALLMANN, L.; GELLER, M. (2009)	Um estudo de caso com libras e <i>signwriting</i> na educação sexual através de mapas conceituais
EPVII-9	CAETANO, J. S. S.; SILVEIRA, C. L. P. (2009)	O ensino de ciências e a educação para a saúde: a compreensão da sexualidade e do HPV no terceiro ano do ensino médio
EPVII-10	SANTOS, N. P.; MASSENA, E.P. (2009)	As marcas do gênero na ciência: a formação do licenciado e do químico na antiga FNF (…)
EPVII-11	LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. (2009)	Problematizando os discursos científicos sobre a homossexualidade.
EPVII-12	SILVA, B. O.; RIBEIRO, P. R. C. (2009)	Sexualidade no ensino ciências: a revista <i>CAPRICHÔ</i> enquanto um artefato cultural na sala de aula.
EPVII-13	MAISTRO et al. (2009)	O papel do professor em um projeto de educação sexual.
EPVIII-1	MIRANDA, M. A. G. C. (2011)	A abordagem da sexualidade no currículo de São Paulo.
EPVIII-2	FERNANDES et al. (2011)	Adolescência, sexualidade e formação docente: reflexão e não-diretividade para a construção da autonomia
EPVIII-3	FREITAS, L. M.; CHAVES, S. N. (2011)	Ser homem ou mulher é biológico? A naturalização dos gêneros em revista de divulgação científica.
EPVIII-4	CARVALHO, F. A.; BERTOLLI-FILHO, C. (2011)	Sexualidade e educação sexual: enunciações e dispositivos nos contextos de ensino de ciências.
EPVIII-5	COSTA et al. (2011)	Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade.
EPVIII-6	SILVA, L. M. M.; SANTOS, S. P. (2011)	Sexualidade e formação docente: representações de futuros professores/as de ciências e biologia.
EPVIII-7	CIRNE et al. (2011)	Uso de texto de divulgação científica na educação sexual de adolescentes.
EPVIII-8	DINIZ, G. A.; SANTOS, S. P. (2011)	Discutindo as relações entre os gêneros em livros didáticos de ciências.
EPVIII-9	NAGEM et al. (2011)	O uso sistemático de analogias e modelos na educação afetivo-sexual: um instrumento para auxiliar o professor (…)
EPVIII-10	PRZYBYSZ, M.; STADLER, R. C. L. (2011)	Sexualidade também se aprende na escola.
EPVIII-11	RAMOS et al. (2011)	A percepção de adolescentes de Guarapuava sobre fatores relacionados à gravidez precoce.
EPVIII-12	SILVA, B. O.; RIBEIRO, P. R. C. (2011)	Seção Sexo: investigando modos de produção da sexualidade feminina numa revista adolescente.
EPIX-1	LANES et al. (2013)	A recreação como ferramenta metodológica para trabalhar sexualidade e gênero na educação infantil
EPIX-2	SILVA et al. (2013)	A utilização de uma sequência didática como atividade alternativa para a educação sexual
EPIX-3	SILVA, E. P. Q.; SILVA, L. A. (2013)	Articulação entre conhecimento biológico e cultura em livros (…)

Quadro 2 – Listagem com os trabalhos selecionados nas Atas do III –X ENPEC.(continua)

EPIX-4	CRUZ, L. M.; SOUZA, M. L. (2013)	Corpo, gênero e sexualidade: o currículo do curso de pedagogia da UESB (campus de Itapetinga-BA)
EPIX-5	SANTOS, S. P. (2013)	Corpo, gênero e sexualidade no espaço escolar: lembranças de (...)
EPIX-6	COELHO, L. J.; CAMPOS, L. M. L. (2013)	Diversidade sexual, preconceito e aulas de ciências: reflexões iniciais
EPIX-7	FRANZÃO et al. (2013)	Educação sexual: uma proposta de intervenção sobre caracteres sexuais secundários
EPIX-8	AZEVEDO, S. M. M. M.; SOUZA, M. L. (2013)	Estudo investigativo da disciplina Educação para a sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA
EPIX-9	PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. (2013)	Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente
EPIX-10	AMORIM, A. M. M.; FREITAS, L. M. (2013)	Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFGA
EPIX-11	SILVA, E. J.; LIMA, G. S. (2013)	Sexualidade na adolescência: concepções dos alunos do 9º ano do ensino fundamental
EPIX-12	SILVA et al. (2013)	Educação Sexual no cenário escolar contemporâneo.
EPIX-13	CICCO, R. R.; VARGAS, E. P. (2013)	Potencialidades e limites no ensino das doenças sexualmente transmissíveis: um estudo qualitativo (...)
EPIX-14	BARROS, J. V. (2013)	O discurso sobre sexualidade e o ensino de ciências nos documentos curriculares nacionais (1997/1998)
EPIX-15	CEZAR, B. R. R.; VARGAS, E. P. (2013)	Revistas juvenis femininas e a educação sexual no ensino não-formal de ciências
EPIX-16	VERA et al. (2013)	Análisis de los libros de texto de biología entregados por el Ministerio de Educación de Chile(...)
EPIX-17	NEVES, M. L. R. C.; TALIM, S. L. (2013)	O interesse por temas curriculares de ciências no ensino fundamental: um estudo transversal
EPIX-18	BATISTA et al. (2013)	Saberes docentes e invisibilidades feminina nas ciências.
EPX-1	CHIARI, N. D. A.; BATISTA, I. L. (2015)	Pesquisas na área de Educação Científica a respeito de questões de Gênero no Brasil
EPX-2	FREITAS, J. C. R. (2015)	Ensino de Ciências por Investigação: problematizando (...)
EPX-3	SILVA et al. (2015)	Conhecimento de Jovens e Adolescentes sobre Sexualidade: Análise em uma escola parceira do PIBID – UFGA
EPX-4	MIRANDA, P. R. M. (2015)	Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental
EPX-5	SANTANA et al. (2015)	O currículo como artefato de subjetivação: a abordagem social da sexualidade
EPX-6	SILVA, A. C.; SIQUEIRA, V. H. F. (2015)	Sexualidade e Gênero na pauta escolar: mediações com a literaturaparadidática

Quadro 2 – Listagem com os trabalhos selecionados nas Atas do III –X ENPEC (continua)

EPX-7	LIMA et al. (2015)	Concepções de estudantes do ensino médio sobre ciência e gênero
EPX-8	ROJAS, Q. A. S.; ANDRADE, A. M. (2015)	Perspectiva de gênero y diversidad cultural em la enseñanza de las ciencias (...)
EPX-9	HEERDT, B.; BATISTA, I. L. (2015)	Saberes docentes: natureza da ciência e as relações de gênero na Educação Científica
EPX-10	BATISTA et al. (2015)	Formação de professores no Brasil e questões de gênero feminino em atividades científicas.
EPX-11	DINIZ et al. (2015)	Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de biologia (...)
EPX-12	PARREIRAS, M. M. M.; COUTINHO, F. A. (2015)	Formação de professores em educação do campo: a educação sexual em pauta

Fonte: LEITE, 2017

Os trabalhos selecionados estão relacionados a diferentes contextos e ênfases: sexualidade relacionada ao contexto escolar; sexualidade e saúde; desigualdades de gênero na ciência; relações de sexualidade e corpo e outros. Trabalhos sobre orientação e educação sexual no âmbito escolar também se mostraram recorrentes, reforçando o papel da escola na divulgação e debate de informações e conhecimentos nessa área.

Diferentes trabalhos tratam de questões relativas à promoção da saúde através da sexualidade, principalmente nas primeiras edições do ENPEC. Ao tratar do gênero nas políticas públicas de educação, com especial visibilidade para as demandas da diversidade sexual, é preciso lembrar a importância da saúde pública. Foi nesse setor que o debate se fez visível, para depois ser inserido nas demandas de setores da sociedade civil na área da educação (VIANNA, 2012).

As questões relativas ao gênero no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000 tiveram pouco destaque. Se essas questões ganharam mais espaço nos últimos anos, a educação em sexualidade e gênero continuou, no entanto, ainda enfrentando obstáculos. Uma das estratégias utilizadas para atingir diferentes grupos sociais acerca da importância e emergência da educação em gênero e sexualidade foram argumentos pautados em índices de gravidez na adolescência ou números de casos de DST, principalmente AIDS, em adolescentes e jovens (ARILHA; CALAZANS, 1998).

3.1 Análise dos Eixos Temáticos

Os trabalhos associados a gênero e/ou sexualidade foram classificados em oito eixos temáticos (Tabela 2).

Tabela 2 – Distribuição dos trabalhos em eixos temáticos.

Eixo Temático	Trabalhos	No. Total	Percentual
Percepções/Concepções/ Representações Discentes	EPIV-4; EPIV-5; EPVI-3; EPVI-5; EPVII-1; EPVII-8; EPVII-9; EPVIII-5; EPVIII-10; EPVIII-11; EPIX-1; EPIX-2; EPIX-7; EPIX-10; EPIX-11; EPIX-17; EPX-2; EPX-3; EPX-4; EPX-7	20	28%
Percepções/Concepções/ Representações Docentes	EPIV-1; EPIV-2; EPIV-3; EPIV-6; EPV-3; EPV-4; EPVI-1; EPVII-5; EPVII-6; EPVII-10; EPVII-13; EPIX-6; EPIX-12; EPX-11	14	19%
Formação e Saberes Docente	EPVI-4; EPVIII-2; EPVIII-6; EPIX-5; EPIX-18; EPX-9; EPX-10; EPX-12	8	11%
Materiais e Estratégias Didáticas	EPIII-1; EPVIII-8; EPVIII-9; EPIX-3; EPIX-13; EPIX-16; EPX-6	7	10%
Mídia	EPV-5; EPVII-3; EPVII-12; EPVIII-3; EPVIII-7; EPVIII-12; EPIX-15	7	10%
Currículo	EPV-2; EPVIII-1; EPIX-4; EPIX-8; EPIX-14; EPX-5	6	8%
Estado do Conhecimento	EPVII-2; EPVII-4; EPVII-7; EPIX-9; EPX-1; EPX-8	6	8%
Reflexões e Estudos Teóricos	EPV-1; EPVI-2; EPVIII-4; EPVII-11	4	6%
TOTAL		72	100%

Fonte: LEITE, 2017.

A categoria “Percepções/Concepções/Representações Discentes” reuniu 20 trabalhos, com o maior número de publicações. EPIV-4 analisou opiniões de alunos da 7ª e 8ª séries do ensino fundamental de uma escola pública e uma escola do ensino privado acerca de gravidez precoce e DST; EPIV-5 pesquisou opiniões de alunos sobre sexualidade e adolescência, tratando da relação e papel da escola nesse contexto; EPVI-3 analisou concepções de alunos sobre adolescência, saúde e sexualidade por meio de um projeto conjunto com docentes e pais; EPVI-5 analisou a visão de alunos de ensino médio sobre atributos e características de mulheres que incorporam um programa científico da Fundação Oswaldo Cruz; EPVII-1 analisou os limites e possibilidades de metodologias baseadas na problematização argumentativa, para questões relacionadas a sexualidade, a partir de pontos de vista de alunos

da 7ª série do ensino fundamental; EPVII-8 investigou como mapas conceituais em libras podem ser utilizados com alunos surdos da sétima série do ensino fundamental na abordagem da educação sexual; EPVII-9 avaliou o nível de conhecimento de adolescentes sobre questões que envolvem DST, com base na transversalidade temática proposta pelos PCN; EPVIII-5, EPVIII-10, EPIX-11 e EPX-4 investigaram a percepção de alunos do ensino fundamental acerca da temática da sexualidade em diversas dimensões; EPVIII-11 investigou a percepção de adolescentes sobre questões e fatores relacionados à gravidez precoce; EPIX-1 investigou as percepções de alunos da educação infantil acerca de gênero e sexualidade, avaliando o uso de intervenções lúdicas como facilitadores na aprendizagem de tais temas; EPIX-2 analisou a utilização de debates, dramatizações e sequências didáticas interativas sobre sexualidade; EPIX-7 discutiu, a partir de pontos de vista de alunos do sexto ano do ensino fundamental, as diferenças fisiológicas e comportamentais entre os sexos feminino e masculino; EPIX-10 identificou os temas relacionados à sexualidade que mais interessam a estudantes da EJA de uma escola pública de Belém/PA; EPIX-17 analisou a influência do sexo no nível de interesse em temas relacionados à ciência apresentados em forma de atividades práticas, através de percepções de alunos do 6º ao 9º ano; EPX-2 avaliou a perspectiva de alunos do 8º ano em relação a metodologia de sequência didática enquanto proposta na abordagem da temática sexualidade no ensino de ciências; EPX-3 analisou os discursos de alunos do ensino médio sobre as temáticas de DST e métodos contraceptivos; EPX-7 analisou as concepções de estudantes do ensino médio sobre ciência e gênero, no que diz respeito a visões teóricas, sociais e práticas. De acordo com Solaro (2015), temas voltados para DST, gravidez precoce, orientação sexual e educação sexual são os interesses mais recorrentes entre os alunos, enquanto em relação a gênero, assuntos como relações desiguais, machismo e feminismo são aqueles que atraem os estudantes.

A categoria “Percepções/Concepções/Representações Docentes” reuniu 14 trabalhos. EPIV-1 investigou discursos e opiniões de professores e outros agentes educativos como diretores, supervisores e orientadores educacionais sobre os obstáculos e dificuldades de se abordar a temática da sexualidade transversalmente no currículo escolar; EPIV-2 analisou narrativas de professores sobre sexualidade, buscando a presença de discursos biológicos e deterministas em suas práticas escolares nas séries iniciais do ensino fundamental; EPIV-3 investigou a percepção de docentes e pais sobre a importância e papel do professor e da escola na orientação sexual de jovens e como a família avalia a participação da escola na construção da sexualidade de seus filhos; EPIV-6 analisou discursos de professoras do ensino fundamental de uma disciplina de educação sexual sobre suas práticas pedagógicas; EPV-3

investigou como professores das séries iniciais do ensino fundamental abordam temas relacionados à orientação sexual; EPV-4 analisou os discursos de professores de séries iniciais do ensino fundamental para identificar potencialidades e limites ao desenvolvimento de projetos sobre sexualidade enquanto tema transversal (orientado pelos PCN); EPVI-1 investigou as necessidades e dificuldades de professores de ciências do ensino fundamental em se trabalhar a questão da orientação sexual na escola; EPVII-5 analisou se professores e professoras de ciências das escolas municipais pesquisadas saberiam atuar de forma efetiva frente a questões que envolvem a homossexualidade; EPVII-6 analisou as narrativas da equipe pedagógica sobre a sexualidade no currículo escolar, avaliando se este tema deve ser discutido em uma disciplina própria; EPVII-10 objetivou entender como se dão as relações de gênero na formação de licenciandos e químicos do instituto de química de uma universidade; EPVII-13 analisou os discursos de professores sobre a necessidade da abordagem de assuntos relacionados à sexualidade no contexto escolar; EPIX-6 analisou opiniões e sentidos atribuídos por professores de ciências à diversidade e ao preconceito sexual; EPIX-12 analisou discursos docentes sobre sexualidade na escola através da perspectiva foucaultiana e dos estudos culturais; EPX-11 analisou o discurso de professores de biologia acerca de suas formações iniciais em educação sexual, a partir das demandas atuais e recorrentes dos alunos.

Diversas são as percepções, narrativas e discursos de docentes sobre as questões que envolvem gênero e sexualidade. Muitos ainda possuem pontos de vista deterministas, enquanto outros afirmam não dispor de infraestrutura, apoio, material e tampouco formação adequada e específica para se tratar desses assuntos ou elaborar práticas pedagógicas eficientes voltadas para essas questões. Milhomem (2012) esclarece que investir nessas discussões é atentar para a importância de investimento em políticas públicas para a formação de professores da educação básica. A autora afirma que no contexto da literatura referencial, as discussões são tímidas e escassas quando o enfoque é diversidade de gênero e diversidade sexual, tanto no âmbito legislativo educacional quanto na formação inicial de licenciaturas.

A categoria “Formação e Saberes Docentes” reuniu oito trabalhos. EPVI-4 analisou os significados atribuídos por docentes de um curso de formação de professores sobre o papel da escola e do docente no tratamento de questões acerca de sexualidade, gênero e gravidez na adolescência; EPVIII-2 analisou reflexões e problematizações obtidas através de discursos e vivências de licenciandas de uma disciplina de estágio supervisionado, sobre sexualidade na escola; EPVIII-6 investigou as concepções de futuros professores de um curso de formação docente sobre sexualidade e sua importância na formação inicial; EPIX-5 analisou as narrativas de futuros professores sobre suas lembranças escolares mais marcantes

relacionadas a corpo, gênero e sexualidade; EPIX-18 investigou noções e saberes de docentes da região norte do Paraná, das áreas de ciências e matemática, acerca da visibilidade feminina na Ciência; EPX-9 objetivou compreender os saberes docentes em relação à natureza da ciência e de gênero ao longo da formação docente; EPX-10 investigou noções e saberes de professores a respeito das questões da desigualdade de gênero no ambiente escolar, principalmente no que tange à produção científica feminina ao longo da história da ciência e na formação profissional; EPX-12 identificou as concepções docentes prevalentes sobre educação sexual junto a licenciandos em formação.

Segundo Nunes (2001, p. 27), as pesquisas sobre formação e atuação docente apontam para a compreensão das práticas pedagógicas do professor, como o mobilizador e mediador de saberes profissionais. Considera-se que o professor em sua trajetória constrói, desconstrói e reconstrói seus conhecimentos de acordo com a necessidade, o cenário, suas experiências e percurso profissional. França e Calsa (2011), em seu trabalho sobre gênero e sexualidade na formação docente, também apontam o impacto de crenças, valores e percepções de professores em formação, havendo a necessidade de problematizar esses valores e costumes para formar professores aptos para lidar com tais questionamentos e realidades na sala de aula.

Na categoria “Materiais e Estratégias Didáticas” foram selecionados sete trabalhos. EPIII-1 trata da abordagem acerca da orientação sexual dada por livros didáticos de ciências e biologia; EPVIII-8 e EPIX-16 abordam as representações imagéticas de gênero (papéis de gênero) veiculadas por livros de ciências; EPVIII-9 apresentou a professores da educação básica de uma escola particular de Belo Horizonte uma metodologia baseada em analogias – MECA – como instrumento facilitador na abordagem da sexualidade humana em sala de aula; EPIX-3 discute o modo como uma coleção de livros didáticos de biologia articula conhecimentos biológicos com conhecimentos culturais sobre sexualidade; EPIX-16 trata do modo como livros didáticos abordam o ensino de DST; EPX-6 analisou a forma como materiais paradidáticos abordam questões sobre sexualidade e gênero na escola. Segundo Santos (2000), o livro didático é um dispositivo por onde se veicula e apresenta modos particulares de produção de significados e valores sociais, influenciando modos de se pensar e ver o mundo e caracterizando-se por ser uma ferramenta importante para o ensino dessas temáticas.

Na categoria “Mídia” foram reunidos sete trabalhos. EPV-5 pesquisou espaços virtuais – blogs – comuns ao acesso de jovens, para verificar como suas identidades de gênero são construídas a partir da escrita hipertextual; EVPII-3 problematizou a veiculação de questões

sobre gênero, principalmente a construção de masculinidades e feminilidades, por programas e séries de TV; EPVII-12 e EPVIII-12 trataram da veiculação e produção de significados acerca da sexualidade através de uma revista voltada para o público adolescente feminino; EPVIII-3 discutiu a natureza fabricada dos gêneros através da análise de discursos biológicos presentes em reportagens de uma revista; EPVIII-7 analisou textos de divulgação científica como ferramenta auxiliadora para o ensino e aprendizagem da educação sexual para adolescentes; EPIX-15 também abordou revistas para adolescentes femininas, com a perspectiva de uso dessas revistas como material paradidático relacionado à educação sexual para o ensino de ciências.

Silva e Ribeiro (2009) afirmam entender artefatos culturais como produções e práticas culturais que produzem e divulgam significados. Peças, espetáculos, músicas, comunidades da internet, videocliques, charges, revistas e jornais são exemplos destes artefatos que constituem as pedagogias culturais. A mídia comumente costuma reforçar padrões de gênero e sexualidade, dificultando a conquista do espaço e a representatividade no que diz respeito à diversidade de gênero e sexual e daí decorre a importância de se estudar as sexualidades e os gêneros não-normativos nos produtos midiáticos (COLLING et al., 2012, p. 96-98).

Na categoria “Currículo” seis trabalhos estão reunidos. EPV-2 analisou o modo com a sexualidade interfere no currículo de formação de professores, com a intenção de questionar o entendimento da palavra “currículo” no contexto teórico educacional; EPVIII-1 abordou como o currículo de São Paulo trata a sexualidade e as ideias que apresenta sobre Educação Sexual; EPIX-4 analisou o currículo de uma universidade baiana quanto às questões relacionadas a corpo, gênero e sexualidade; EPIX-8 analisou as ideias sobre o ensino da sexualidade que direcionam as práticas pedagógicas de professores de uma disciplina de Educação para Sexualidade; EPIX-14 realizou uma leitura exploratória de documentos curriculares nacionais publicados no período entre 1997 e 1998, que apresentam a sexualidade como tema transversal e transdisciplinar; EPX-5 discutiu a abordagem atribuída à sexualidade, levando em consideração o currículo como ferramenta desubjetivação.

Nas orientações dos PCN (1998), a abordagem de sexualidade e gênero como temas transversais nos currículos escolares tem destaque. Brício (2008) argumenta que o currículo possui discursos capazes de construir identidades de gênero e sexualidades. Britzman (1996) afirma que no currículo, gênero e sexualidade são normalizados por serem considerados como categorias estáveis, fixas e ancoradas em essencialismos biológicos. É necessário que as discussões em torno destas temáticas curriculares sejam feitas despidas de determinismos e preconceções. Além disso, o currículo é um artefato cultural, histórico e socialmente

determinado, utilizado para socializar indivíduos de acordo com valores tidos como desejáveis (MOREIRA, 1997, p. 11)

Na categoria “Estado do Conhecimento” foram selecionados seis trabalhos. EPVII-2 analisou alguns periódicos em educação científica que abordaram a temática de gênero; EPVII-4 e EPVII-7 investigaram como a sexualidade e a educação sexual vem sendo abordadas nos trabalhos apresentados nas atas dos ENPEC; EPIX-9 abordou a produção científica sobre gênero e sexualidade em periódicos da área de ensino na base de dados SciELO; EPX-1 realizou um levantamento em periódicos, atas de eventos e monografias de pós-graduação da área de ensino de ciências para analisar possíveis discussões de gênero na educação científica; EPX-8 tratou da relação de gênero na atuação de professoras de ciências por meio da análise de artigos científicos em bases de dados online. Os resultados dos trabalhos inclusos nesta categoria apontam para o estado do conhecimento sobre gênero e sexualidade. De acordo com os resultados de Pereira e Monteiro (2013), a produção científica atual sobre sexualidade está concentrada nas subáreas da Educação Sexual e da Saúde e aponta um aumento crescente de pesquisas, dissertações, teses e publicações em geral em abordar temáticas relativas a gênero e sexualidade nas mais variadas áreas do conhecimento fora da ciência; o maior número de pesquisas teóricas e práticas dirigidas para o segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º ano); o despreparo de professores na abordagem e tratamento do tema; a concentração de pesquisas na região sudeste do país e a importância da inclusão dos estudos de gênero e educação sexual nos cursos de formação docente, já que são os professores que desenvolvem esse trabalho com os/as alunos/as (VIANNA et al., 2011; SILVA e MEGID NETO, 2006; FELIPE, 2007).

A categoria “Reflexões e Estudos Teóricos” abrange quatro trabalhos. EPVI-1 discutiu questões relativas à educação sexual e o uso de analogias e metáforas como recursos de pesquisa e ensino na área; EPVI-2 também discutiu educação sexual, mas relacionando a mesma aos saberes biológicos e saberes culturais no âmbito escolar; EPVIII-4 discutiu acerca da sexualidade como um elemento histórico utilizado para a utilização e demarcação de relações de poder e saber; EPVII-11 tratou da forma como a ciência aborda questões relativas à identidade sexual na tentativa de atribuir explicações e justificativas para a origem da homossexualidade.

3.2 Análise das abordagens metodológicas

Em relação às abordagens metodológicas, a pesquisa qualitativa foi a mais utilizada entre os trabalhos analisados, contando 58 trabalhos. Em relação à pesquisa quantitativa, foram apontados quatro trabalhos e para a pesquisa quali-quantitativa, 10 trabalhos (Tabela 4). A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares que se ocupam nas Ciências Sociais com níveis de realidades e contextos que não podem e não deveriam ser mensurados (MINAYO, 2009, p. 21) e por isso são as mais utilizadas em estudos na área de educação.

Tabela 3 – Tipos de abordagens metodológicas utilizadas.

Abordagem Metodológica	Trabalhos	Total	Percentual %
Pesquisa Qualitativa	EPIII-1; EPIV-1; EPIV-2; EPIV-3; EPIV-6; EPV-1; EPV-2; EPV-4; EPV-5; EPVI-1; EPVI-2; EPVI-3; EPVI-4; EPVI-6; EPVII-1; EPVII-2; EPVII-3; EPVII-4; EPVII-5; EPVII-6; EPVII-8; EPVII-11; EPVII-12; EPVII-13; EPVIII-1; EPVIII-2; EPVIII-3; EPVIII-4; EPVIII-5; EPVIII-6; EPVIII-7; EPVIII-9; EPVIII-12; EPIX-1; EPIX-2; EPIX-3; EPIX-4; EPIX-5; EPIX-6; EPIX-7; EPIX-8; EPIX-9; EPIX-10; EPIX-11; EPIX-12; EPIX-13; EPIX-14; EPIX-15; EPIX-18; EPX-1; EPX-2; EPX-3; EPX-4; EPX-5; EPX-6; EPX-9; EPX-10; EPX-11	58	81%
Pesquisa Quantitativa	EPIV-4; EPV-3; EPVII-9; EPIX-15	4	6%
Pesquisa Quali-quantitativa	EPIV-5; EPVII-7; EPVII-10; EPVIII-8; EPVIII-10; EPVIII-11; EPIX-16; EPX-7; EPX-8; EPX-12	10	13%
TOTAL		72	100%

Fonte: LEITE, 2017.

As publicações também foram classificadas a partir dos procedimentos, técnicas e instrumentos de coleta de dados relativos à abordagem metodológica utilizada pelos autores. Vinte e dois (22) trabalhos utilizaram questionário; 17 entrevistas; cinco trabalharam com grupo focal; 21 com pesquisa documental; três trabalhos utilizaram a observação não-participante e outros três a observação participante. Apenas um trabalho utilizou a sequência didática interativa (Tabela 4).

Tabela 4 – Distribuição dos trabalhos por procedimentos de obtenção de dados.

Procedimentos	Trabalhos	Total	Percentual %
Questionário	EPIII-1; EPIV-3; EPV-3; EPVI-1; EPVII-5; EPVII-13; EPVIII-5; EPVIII-6; EPVIII-11; EPIX-5; EPIX-8; EPIX-10; EPIX-11; EPIX-17; EPIX-18; EPX-3; EPX-4; EPX-7; EPX-9; EPX10; EPX-11; EPX-12	22	31%
Pesquisa Documental	EPVI-2; EPVII-2; EPVII-3; EPVII-4; EPVII-7; EPVII-10; EPVII-11; EPVII-12; EPVIII-1; EPVIII-3; EPVIII-4; EPVIII-8; EPVIII-12; EPIX-3; EPIX-9; EPIX-14; EPIX-15; EPIX-16; EPX-1; EPX-5; EPX-8	21	29%
Entrevista	EPIV-1; EPIV-2; EPIV-4; EPIV-5; EPIV-6; EPV-2; EPV-4; EPVI-4; EPVI-5; EPVII-6; EPVII-8; EPVIII-7; EPIX-4; EPIX-6; EPIX-12; EPIX-13; EPX-6	17	24%
Grupo Focal	EPV-1; EPV-5; EPVIII-2; EPVIII-10; EPIX-7	5	7%
Observação Não-Participante	EPVI-3; EPVII-9; EPIX-2	3	4%
Observação Participante	EPVII-1; EPVIII-9; EPIX-1	3	4%
Sequência Didática Interativa	EPX-2	1	1%
TOTAL		72	100

Fonte: LEITE, 2017

O questionário foi o instrumento de obtenção de dados mais utilizado nos trabalhos analisados. Cervo e Bervian (2002) apontam diversos parâmetros que mostram vantagens da utilização de questionário, afirmando que é o formato mais utilizado na coleta de dados, entre métodos e técnicas utilizados nas pesquisas qualitativas em educação.

3.3 Níveis de ensino

Os trabalhos foram categorizados de acordo com o nível de ensino, totalizando 28 trabalhos no ensino fundamental. Indica-se uma maior tendência de serem realizados nesse nível. No ensino médio 10 trabalhos foram levantados e no ensino superior foram identificados 13 trabalhos (Tabela5).

Tabela 5 – Distribuição dos trabalhos por nível de ensino

Nível de Ensino	Trabalhos	Nº. Total	Percentual
Ensino Fundamental (Ciências)	EPIII-1; EPIV-1; EPIV-2; EPIV-3; EPIV-4; EPIV-5; EPIV-6; EPV-3; EPV4; EPVI-1; EPVI-3; EPVII-1; EPVII-5; EPVII-6; EPVII-8; EPVII- 13; EPVIII5; EPVIII-7; EPVIII-8; EPVIII-9; EPVIII-10; EPIX-1; EPIX- 2; EPIX-3; EPIX-8; EPIX-9; EPIX- 10; EPIX-11; EPIX-14; EPIX-16; EPX-2; EPX-4; EPX-6; EPIX-17	34	47%
Ensino Médio (Biologia)	EPIII-1; EPVI-4; EPVI-5; EPVII-9; EPVIII-1; EPVIII-11; EPIX-4; EPIX- 7; EPIX-13; EPIX-16; EPX-3; EPX-7	12	17%
Ensino Superior e Formação Continuada	EPV-1; EPV-2; EPVII-10; EPVIII-2; EPVIII-6; EPIX-5; EPIX-6; EPIX- 12; EPIX-18; EPX-9; EPX-10; EPX- 11; EPX-12	13	18%
Outros	EPIII-1; EPV-5; EPVI-2; EPVII-2; EPVII-3; EPVII-7; EPVII-11; EPVII- 12; EPVIII-3; EPVIII-4; EPVIII-12; EPIX-15; EPX-1; EPX-5;	15	20%
TOTAL		72	100%

Fonte: LEITE, 2017.

Os trabalhos que não se referiram a nenhum nível de ensino, por não possuírem contexto, aplicabilidade ou relação com o cotidiano escolar, foram incluídos na categoria “outros”, somando 15 trabalhos.

Segundo Tortato et al. (2010), o trabalho de professores e professoras acerca das questões de gênero e sexualidade começa desde os anos iniciais do ensino fundamental. As concepções que alunos de diferentes segmentos escolares e idades têm sobre os termos e definições que permeiam gênero e sexualidade são os mais diversos. Grizze, Santos e Oliveira (2010) afirmam que, no ensino fundamental, ao analisar os discursos de alunos, é possível notar concepções polissêmicas acerca da sexualidade, quase sempre havendo a restrição limitada do termo sexualidade ao ato sexual em si. Cabe ressaltar que muitas vezes as concepções de ciência expressas na rotina escolar acabam sendo pautadas em práticas docentes de um ensino memorístico, automatizado, repetitivo e centradas no livro didático e em materiais paradidáticos de apoio (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO,2011).

3.4 Análise dos autores citados nos trabalhos

Os autores citados em maior frequência nos 72 trabalhos foram: LOURO (1992, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2013, 2014) em 30 publicações; FOUCAULT (1977, 1984, 1985, 1988, 1993, 1997, 1998, 1999, 2003, 2007, 2009) em 15 publicações; ALTMANN (2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007) em 13 publicações. FIGUEIRÓ (1996, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006, 2009, 2013), FURLANI (2003, 2008, 2009, 2011) e RIBEIRO, P. R. C. (2002, 2003, 2004, 2007, 2008) citados em 10 publicações; SCOTT (1990) aparece em nove trabalhos; NUNES (1996, 1997, 2000, 2005) e SUPLICY (1983, 1990, 1993, 1995, 1998, 2000) são citados em oito publicações; BRITZMAN (1996, 2001), VITIELLO (1992, 1994, 1997, 1998, 2002) e CASTRO (2004) em sete publicações; WEEKS (1993, 2000, 2003, 2007) e WEREBE (1993, 1998) aparecem ambos citados em seis publicações. BONFIM (2009, 2012) e SAYÃO, R. (1997) aparecem em cinco trabalhos (Tabela 6). Os demais autores são citados em um a quatro trabalhos (Apêndice A). O levantamento desses autores foi feito a partir da análise de todos os referenciais teóricos nos 72 trabalhos relacionados a gênero, sexualidade e diversidade. Na Tabela 6 os autores estão dispostos em ordem decrescente de número de citações.

Tabela 6 – Autores mais citados nos trabalhos selecionados nas Atas do III-X ENPEC.

Autores com maior nº de citações	Trabalhos Analisados	Total
LOURO (1992, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2013, 2014)	EPV-2, EPV-3, EPV-5, EPVI-2, EPVII-1, EPVII-3, EPVII-5, EPVII-6, EPVII-9, EPVII-11, EPVII-12, EPVIII-3, EPVIII-6, EPVIII-8, EPVIII-12, EPIX-4, EPIX-5, EPIX-6, EPIX-8, EPIX-10, EPIX-12, EPIX-18, EPX-1, EPX-2, EPX-4, EPX-6, EPX-7, EPX-9, EPX-10, EPIX-13	30
FOUCAULT (1977, 1984, 1985, 1988, 1993, 1997, 1998, 1999, 2003, 2007, 2009)	EPIII-1, EPVI-5, EPVI-2, EPVI-4, EPVII-4, EPVII-11, EPVIII-4, EPVIII-9, EPVIII-12, EPIX-4, EPIX-12, EPX-5, EPX-6, EPVII-11, EPIX-12, EPVII-4	15
ALTMANN (2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007)	EPV-3, EPVI-1, EPVII-6, EPVII-12, EPVIII-1, EPVIII-4, EPVIII-11, EPIX-8, EPIX-10, EPIX-12, EPIX-14, EPIX-13, EPX-3	13
FIGUEIRÓ (1996, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006, 2009, 2013)	EPIV-1, EPVI-2, EPVI-3, EPVII-1, EPVIII-1, EPVIII-4, EPX-4, EPVIII-6, EPIX-14, EPX-11	10
FURLANI (2003, 2008, 2009, 2011)	EPVI-1, EPVIII-1, EPVIII-4, EPX-4, EPIX-7, EPVII-5, EPVIII-1, EPVIII-6, EPVIII-8, EPX-6	10

RIBEIRO, P. R. C. (2002, 2003, 2004, 2007, 2008)	EPVII-3, EPVIII-6, EPVII-6, EPVII-11, EPVII-12, EPVIII-12, EPVI-2, EPIX-2, EPVII-1, EPIX-1	10
SCOTT (1990)	EPVI-4, EPVII-3, EPVIII-8, EPIX-18, EPX-1, EPX-6, EPX-7, EPX-9, EPX-10	9
NUNES (1996, 1997, 2000, 2005)	EPIV-5, EPV-4, EPVI-1, EPVII-1, EPIX-14, EPVIII-1, EPVIII-6, EPX-12	8
SUPLICY (1983, 1990, 1993, 1995, 1998, 2000)	EPIV-1, EPIV-3, EPIV-4, EPV-4, EPIV-5, EPIV-6, EPVII-1, EPVIII-7	8
BRITZMAN (1996, 2001)	EPVI-2, EPVII-4, EPVII-6, EPVIII-5, EPVIII-8, EPIX-5, EPIX-12	7
CASTRO (2004)	EPVI-1, EPX-2, EPVII-5, EPVII-13, EPIX-6, EPIX-13, EPX-3	7
VITIELLO (1992, 1994, 1997, 1998, 2002)	EPVI-1, EPIV-3, EPIV-4, EPIV-6, EPVI-1, EPVI-3, EPX-12	7
WEEKS (1993, 2000, 2003, 2007)	EPVI-2, EPVII-6, EPVII-11, EPVII-12, EPVIII-3, EPVIII-6	6
WEREBE (1993, 1998)	EPIV-1, EPIV-3, EPVII-1, EPVII-5, EPVIII-4, EPVIII-6	6
BONFIM (2009, 2012)	EPVIII-4, EPVIII-6, EPIX-6, EPX-4, EPX-11	5
SAYÃO, R. (1997)	EPIV-3, EPV-4, EPVI-3, EPVII-1, EPVII-13	5

Fonte: LEITE, 2017.

Os textos de autoria de Louro abordam questões de gênero, sexualidade, identidades sexuais, corpo e currículo, voltados para as problemáticas escolares, pedagógicas e formativas docentes. Foucault trata da história da sexualidade construída e caracterizada socialmente, numa perspectiva histórico-temporal. Figueiró publicou ensaios sobre sexualidade e educação sexual como forma de integração curricular, além de questionar abordagens e usos que os meios e sistemas de ensino têm veiculado sobre esse tema. Altmann trata das questões que envolvem orientação sexual e suas construções no meio escolar, problematizando a forma como a mesma é vista nesse âmbito. Furlani, em seus trabalhos, disserta sobre a educação sexual e suas abordagens curriculares e sociais na escola, explorando as limitações e potencialidades dessa temática nesse ambiente educacional.

Os 72 trabalhos analisados apresentaram diferenças em relação aos objetivos visados, metodologias aplicadas, conteúdos formulados e técnicas de coleta de dados utilizadas, porém alguns autores foram citados em diversos trabalhos. Nas publicações do ENPEC vários pesquisadores entendem que teoria e prática precisam estar intrinsecamente relacionadas (OLIVEIRA, 2016). Também é comum estabelecer relações que as produções científicas advindas dos eventos estabelecem com possíveis aplicações práticas no contexto pedagógico.

Com base nas leituras, interpretações e análises realizadas, depreende-se que poucos trabalhos nas Atas do ENPEC trataram das diversidades de gênero e sexualidade, indicando que as pesquisas e os debates nos meios acadêmico e científico são incipientes. Em se tratando de gênero, alguns poucos trabalhos tiveram como foco essa temática, ao passo que a sexualidade foi notadamente a temática com o maior número de trabalhos dentro do escopo analisado.

Silva (2014) afirma que a sexualidade e o gênero são temas ostensivamente presentes em diversos espaços escolares e ultrapassam fronteiras, permeiam conversas entre meninos e meninas e são frequentemente abordados na sala de aula por professores, mesmo que em pequena escala e ineficazmente.

A instituição escolar é responsável pela fabricação de sujeitos (LOURO, 1997, p. 63). Fabricar sujeitos significa sutil e permanentemente agir disciplinando para que corpos e mentes atuem conforme o esperado, ancorados em representações brancas, masculinas e heterossexuais. Essa ação pode ocorrer quando todos os sujeitos pertencentes à instituição escolar costumam agir, sem perceber, da mesma forma em relação ao delineamento das escolhas quanto ao gênero e à sexualidade. Vários são os fatores que se relacionam a essas ações, como discursos inteiramente homofóbicos associados ao senso comum e à incerteza quanto às possibilidades da escolha da criança e do jovem pela homossexualidade, por exemplo. Dessa forma, práticas sexistas continuam se perpetuando e cumprindo seu papel.

Essas reflexões são indispensáveis, uma vez que enquanto seres sociais, nós, seres humanos, produzimos saberes. Seleccionamos saberes e priorizamos esses mesmos saberes em função de nossos interesses. Os saberes devem ser propriamente elaborados e difundidos em bases de igualdade e aceitação, quando tratamos de gênero, sexualidade e diversidades. Em relação à diversidade e seus aspectos, Silva (2011, p. 291-292) afirma que:

As várias identidades presentes no espaço social interferem-se mutuamente, articulando-se, muitas vezes, de forma conflitante. Não é possível analisar essas diferenças sem levar em conta que determinadas “minorias” – relacionadas a classe social, gênero, etnia, sexualidade, religião, geração e nacionalidade – têm sido definidas, desvalorizadas e discriminadas por representarem “o outro”, “o diferente”, “o inferior”. As diferenças estão, portanto, sendo produzidas e reproduzidas por meio das relações de poder presentes no discurso. A produção e a reprodução dessas identidades ocorrem em diversas instâncias sociais, entre elas, a escola.

A crescente mobilização de diversos setores sociais a favor do reconhecimento da legitimidade das diferenças entre os indivíduos tem correspondido a uma percepção cada vez mais aguçada do papel estratégico da educação para a diversidade. Ela é vista como fator essencial para garantir inclusão, promover igualdade de oportunidades e enfrentar o

preconceito, a discriminação e a violência, especialmente no que se refere a questões de gênero e sexualidade. Essas questões envolvem conceitos fortemente relacionados, incluindo gênero, identidade de gênero, sexualidade e orientação sexual, e que requerem a adoção de políticas públicas educacionais que contemplem suas articulações sem negligenciar suas especificidades. Para isso, é preciso considerar a experiência escolar como fundamental para que tais conceitos se articulem, ao longo de processos em que noções de corpo, gênero e sexualidade são socialmente construídas. Uma experiência que apresenta repercussões na formação identitária de cada indivíduo, incide em todas as suas esferas de atuação social e é indispensável para proporcionar instrumentos para o reconhecimento do outro e a emancipação de ambos.

Orientações sobre a sexualidade precisam ser desenvolvidas de uma forma mais holística e dialógica, compreendendo que o ser humano é muito mais do que um corpo com necessidades físicas: é dotado de emoções e está inserido em um contexto sociocultural, onde atitudes e comportamentos são moldados pelas constantes mudanças sociais e culturais. O avanço tecnológico traz problemáticas antes consideradas inquestionáveis, como por exemplo, as relacionadas à reprodução humana e aos papéis de gênero (COSTA et al., 2011).

A escola é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças. Daí a importância de se discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora, questionar relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar (SILVA, 1996, 2000 e 2001). Como espaço de construção de conhecimento e de desenvolvimento do espírito crítico, onde se formam sujeitos, corpos e identidades, a escola torna-se uma referência para o reconhecimento, respeito, acolhimento, diálogo e convívio com a diversidade. Um local de questionamento das relações de poder e de análise dos processos sociais de produção de diferenças e de sua tradução em desigualdades, opressão e sofrimento. Sabat (2007, p. 149) argumenta que quando a educação é compreendida de maneira completa ela se caracteriza como um dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Por isso, a importância justificada do tratamento dessas questões durante o processo de ensino-aprendizagem.

No Brasil, só a partir da segunda metade da década de 1980 é que tais preocupações e questões começaram a ser discutidas mais abertamente no interior de diversos espaços sociais – entre eles, a escola e a universidade. Até então, nas escolas, quando os temas relativos à

sexualidade estavam presentes no currículo, eles permaneciam circunscritos à disciplina Ciências ou, eventualmente, à Educação Moral e Cívica (HENRIQUES et al., 2007).

A maneira como a escola e o docente lidam com as relações de gênero, na maioria das vezes ocorre através da criação de espaços binários que acabam aprisionando as identidades dos sujeitos. Tais espaços, quando transgredidos, deixam o professor desorientado ao lidar com questões referentes ao gênero, como nas palavras de Rios (2009, p.103):

[...] diversas cenas relatadas pelos professores cursistas, durante os debates no módulo Diversidade Sexual, apontam para a dificuldade em lidarem no cotidiano escolar, não propriamente com a homossexualidade, mas com meninos e meninas que, por exemplo, brincam de modo divergente do comumente esperado para homens e mulheres (p.e.: menina jogar futebol)

A educação escolar é um processo longo em que há a necessidade de refletir, repensar e reformular práticas, definições, conceituações e costumes, principalmente no que diz respeito aos papéis, valores e regras que são atribuídos a meninos e meninas, assim como os elementos que os definem. Uma possibilidade de modificação das percepções fixas e cristalizadas de alguns professores acerca de gênero e sexualidade é o trabalho de tais questões no espaço escolar partindo das áreas artísticas – como o teatro – que possibilitem a construção e desconstrução dessas mesmas visões (MARTINS, 2011). É papel da escola também a abordagem de pontos de vista, valores e crenças como estímulos à reflexão do aluno sobre a sua sexualidade, apontando para um trabalho de complementação ao da família. Dentro dessa ideia, a orientação sexual na escola deve ocorrer em consonância com os valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem, de forma explícita ou implícita, em sua família. A orientação sexual desenvolvida na escola deve ocorrer em âmbito coletivo, informando e discutindo a sexualidade em suas dimensões biológicas, psíquicas e socioculturais, articulada ao projeto educativo, de modo a exercer uma ação integradora das experiências vividas pelo aluno e no qual deverá ser incluída, como um elemento ligado à sua vida, à saúde e ao bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram analisados 72 trabalhos referentes a gênero, sexualidade e respectivas diversidades, publicados nas Atas da III a X edição do ENPEC. O percentual relativo foi baixo, oscilando entre 0,04% e 1,8%, com média de 1,1%. Na maioria dos trabalhos que trataram de gênero, os enfoques foram os das relações desiguais de papéis de gênero, sexismo e machismo. Poucos trabalhos abordaram a diversidade e identidades de gênero. Notou-se uma tendência em se abordar a sexualidade sob a perspectiva curricular, além das perspectivas da educação sexual e da sexualidade relacionada à saúde, como em DST e gravidez precoce. Poucos trabalhos trataram da diversidade sexual, principalmente em relação à homossexualidade e homofobia.

As discussões sobre gênero e sexualidade no cotidiano das escolas e das universidades são incipientes, seja pela falta de conhecimento específico, de habilidade de diálogo ou pela dificuldade dos indivíduos em geral e dos profissionais de lidarem com as próprias crenças e preconceitos. É necessário que professores repensem suas formas de produzir, veicular, pensar, dizer, agir e viver a realidade diversa e complexa que envolve os sujeitos da educação.

Considera-se relevante avançar nas pesquisas em educação em ciências para uma abordagem dos conceitos relativos a gênero, sexualidade articulados às suas diversidades. A perspectiva é que futuros trabalhos possam trazer à tona discussões, reflexões e debates necessários à compreensão das vivências, identidades, manifestações e expressões de gênero e sexualidade. Para novos sentidos e concepções nas discussões sobre sexualidade e gênero, faz-se necessária a imersão nesses temas nas universidades e escolas, no sentido de contribuir para uma prática docente mais igualitária. Os desafios a serem enfrentados envolvem reconhecer a diversidade, trabalhar com a valorização das identidades, das relações de gênero e da vivência da sexualidade segura e sadia de cada indivíduo, analisando seus aspectos repressivos e seus mecanismos de discriminação, na afirmação de liberdade, autonomia e respeito ao outro.

O professor, enquanto figura ativa e fomentadora de reflexão e senso crítico, possui papel chave no processo de direcionamento de jovens mentes no que diz respeito à cidadania, ética e a outros pilares que constituem ideologicamente a sociedade em que vivemos. Cabe a ele abordar questões e dilemas que os alunos possam vir a enfrentar em seus cotidianos particulares durante a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, H. *A construção social da orientação sexual na escola*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/helenaaltmann.rtf>>

_____. *Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Teologia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

AQUINO, J. (Org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

ARILHA, M; CALAZANS, G. Sexualidade na adolescência: o que há de novo? In: *Comissão Nacional de População e Desenvolvimento - CNPD. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998. Vol. II 1998. Vol. II.

BARCELOS, N. N.; JACOBUCCI, D. F. C. Estratégias didáticas na educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. *Revista Eletrônica de Enseñanza de las Ciencias*. Vol. 10, nº 2, p. 334-345, 2011.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARRETO, A; ARAÚJO, L; PEREIRA, M. E. (Org.) *Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009

BAUER, M. AARTS, B. *A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BONFIM, C. R. S. *Educação sexual e formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades*. 267f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2009.

BORTOLINI, A. Diversidade Sexual e de Gênero na Escola. *Revista Espaço Acadêmico* - nº123 - Maringá, 2011.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRÍCIO, V. N. A construção de gênero e sexualidade no currículo: uma investigação sob o enfoque pós-estruturalista. In: *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008.

BRITZMAN, D. P. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, v. 21 (1), jan/jul. 1996.

_____. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Editora Civilização Brasileira – 3ª Edição. Rio de Janeiro, 2010.

CALAZANS, G. Os jovens falam sobre sua sexualidade e saúde reprodutiva: elementos para reflexão. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P.M. (Orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania. p. 215-241, 2005.

CARVALHO, F. A. Educação Sexual: Conflito entre saberes biológicos e culturais. In: *VI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Florianópolis, 2007.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia Científica*. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CÉSAR, M. R. A. Gênero, Sexualidade e Educação: notas para uma “Epistemologia”. *Revista Educar*. Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009. Editora UFPR.

COELHO, L. J; CAMPOS, L.M.L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. *Revista Ciência e Educação*. Bauru, v. 21, n. 4, 2015. p. 893-910.

COLLING, L. Um Panorama dos Estudos sobre Mídia, Sexualidades e Gêneros Não Normativos no Brasil. *Revista Gênero*, Niterói, v.12, n.2, p. 77-108, 1. sem. 2012.

COSTA, E.; TORRES, D.; CIRNE, A.; COSTA, I. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade. In: *VII Encontro de Pesquisa em Educação em Ciências*. Campinas, 2011.

COSTA, P. N; SOUZA, J. C. R. Sexualidade e Gênero e Ensino de Ciências: Buscando Novos Sentidos. In: *III Congresso Nacional de Educação*. João Pessoa, 2016.

COUTINHO, R.; RIBEIRO, P. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. *Revista Brasileira de Estudos de População*. v. 31, p.333-365. 2014.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. 4a Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DINIS, N. Homofobia e Educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*. Nº 39 – p.43. Editora UFRP, Curitiba, 2011.

FRANÇA, F. F.; CALSA, G. C. Gênero e Sexualidade na Formação Docente: Desafios e Possibilidades. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 24, n. 02, jul/dez 2011, p. 111-120.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. *Pro-Posições*, v. 18, n. 2(53), maio/ago. 2007.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed. 18. Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILHO, A.; CAMPOS, I.; SANTOS, E. Diversidade Sexual na Escola: A Concepção dos Professores. *Revista Científica Semana Acadêmica*. ed. 74. Fortaleza, 2015.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Edições Graal. Rio de Janeiro. 1993.

FURLANI, J. *Educação Sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GRIZZE, D. B.; SANTOS, F. F.; O, P. *Sexualidade em Discursos de Alunos do Ensino Fundamental do Recife*. Pernambuco, 2010.

HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.22, 2004, p.201-246.

HENRIQUES *et al.* (Org.). *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Cadernos SECAD, n. 4, Brasília, maio, 2007.

JESUS, B. *et al.* *Diversidade Sexual na Escola: Uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*. 1. ed. p. 16. São Paulo: Maxprint, 2008.

LIMA, A. C; SILVA, A.; SIQUEIRA, V. Perspectivas da Sexualidade na Educação: Um Olhar Retrospectivo nas atas do ENPEC. In: *VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Florianópolis, 2009

LOURO, G. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Gênero, Sexualidade e Educação: das afinidades políticas às tensões metodológicas*. Belo Horizonte, 2007.

_____. *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 8ª ed. Rio de Janeiro. Vozes, 2011.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo, 1986.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. *Fundamentos de Metodologia Científica*. Editora Atlas. São Paulo, 1995.

MARTINS, G. S. L. Abordagem sobre as configurações de gênero no contexto educacional. *Revista de Psicologia da UNESP*. N. 10, v.2, 2011.

MILHOMEM, M. S. F. S. O que dizem os professores sobre Gênero e Sexualidade na Escola: experiências vividas na rede municipal de Palmas/TO In: *XVII Encontro Nacional da Rede*

Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. Paraíba, 2012.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social*. Editora Vozes. Petrópolis, 2009.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?* Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 9 (3). p. 239-262. jul/setembro, 1993.

MONEY, J. Gay, straight and in between. IN: CARDOSO, F. O Conceito de Orientação Sexual na Encruzilhada entre Sexo, Gênero e Motricidade. *Revista Interamericana de Psicologia*. Vol 42. p. 69. 2008.

MOREIRA, A. F. B. (org.). *Currículo: Questões Atuais*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

NAGEM, R.; AMARAL, S. Analogias e Metáforas na Educação Afetivo-Sexual. In: *V Encontro Nacional De Pesquisa Em Educação Em Ciências*. Bauru, 2005.

NUNES, C. M. F. Saberes Docentes e Formação de Professores: Um Breve Panorama da Pesquisa Brasileira. *Educação e Sociedade*, ano XXII, nº 74, Abril/2001.

OLIVEIRA, C. *A Pesquisa em Ensino de Ciências através do Ensino por Investigação: Um panorama dos trabalhos apresentados no IX ENPEC (2013)*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Ciências). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 1975. Disponível em: <http://www.who.int/country/bra/en>. Acesso em 21/05/2017.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: TERCEIRO E QUARTO CICLOS. *Apresentação dos Temas Transversais*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/SEF. 1998.

PEREIRA, Z. M.; MONTEIRO, S. Gênero e Sexualidade no Ensino de Ciências no Brasil: análise da produção científica recente. In: *IX Encontro De Pesquisa Em Educação Em Ciências*. Águas de Lindóia, 2013.

RIBEIRO, P. R. C. *A sexualidade e o discurso biológico*. In: RIBEIRO, P. R. C.; QUADRADO, R. (Org.) *Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*. Caderno Pedagógico Anos Finais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007. v. 1, p. 33-36.

_____. *Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das Séries Iniciais do Ensino Fundamental*. 2002. Tese (Curso de Pós-Graduação em Bioquímica). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

SABAT, R. Gênero e sexualidade para consumo. In: LOURO, G.; NECKEL, J.; GOELLNER, S. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 149-160.

- SANTOS, L. H. A biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, M. V; VEIGANETO. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2000, p. 229-256.
- SANTOS, F. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. *Revista Eletrônica de Educação*. São Carlos, SP: UFSCAR, v. 6, n. 1, p.383-387, 2012.
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. 1995.
- SCOTT, P; LEWIS, L. QUADROS, M. T. *Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para a formação docente*. Editora Universitária: Recife, 2009.
- SEVERINO, A. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23ª Edição. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, B. O.; RIBEIRO, P. R. C. Sexualidade no Ensino de Ciências: A Revista Capricho enquanto um artefato cultural na sala de aula. In: *VII Encontro Nacional De Pesquisa Em Educação Em Ciências*. Florianópolis, 2009.
- SILVA, M. F. R. *Gênero e Sexualidade: práticas pedagógicas na escola*. 2014. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira-PB.2014.
- SILVA, R. C. P.; MEGID NETO, J. A formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.
- SILVA, T. T. (Org.). *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- SILVA, R. A. P. S. Corpo, Sexualidade e Diferença: Um Ensaio sobre a Convivência Escolar. *Revista Contrapontos*, vol. 11 - n. 3 - p. 288-298/set-dez 2011.
- SOLARO, T. A. Sexualidade e Gênero na Sala de Aula: Abordagens Didáticas e Discussões. 2015. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS. 2015.
- SOUZA, L. C.; DINIS, N. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Revista Pro-Posições*. vol. 21, n. 3 (63), p. 119-134, 2010.
- TORTATO, C.; CASAGRANDE, L.; CARVALHO, M. Relações de Gênero no Ensino Fundamental e Médio: Abordagens Iniciais. In: *VIII Congresso Iberoamericano De Ciência, Tecnologia e Gênero*. Curitiba, 2011.

VIANNA, C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. *Pro-Posições*. v. 23, n. 2 (68), p. 127-143, maio/ago, 2012. Campinas.

VIANNA, C. et al. Gênero, sexualidade e educação formal no Brasil: uma análise preliminar da produção acadêmica entre 1990 e 2006. *Educação e Sociedade*, v. 32, n. 115, p. 525-545, 2011.

Trabalhos Analisados

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do III ENPEC*. Disponível em:
<http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/iiienpec/III%20ENPEC.html>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do IV ENPEC*. Disponível em:
<http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ivenpec/Arquivos/ORAIS.pdf>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do V ENPEC*. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/venpec/conteudo/index.htm>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do VI ENPEC*. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/vienpec/index.html>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do VII ENPEC*. Disponível em: <<http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/>>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do VIII ENPEC*. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/index.htm>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do IX ENPEC*. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/ixenpec/atas/>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Atas do X ENPEC*. Disponível em:
<<http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xenpec/anais2015/trabalhos.htm>>

APÊNDICE A – Distribuição dos trabalhos de acordo com a ordem alfabética dos nomes dos autores citados.

Autores citados nas referências	Trabalhos analisados	No. de trabalhos
ALTMANN, H. (2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007)	EPV-3; EPVI-1; EPVII-6; EPVII-12; EPVIII- 1; EPVIII-4; EPVIII-11; EPIX-8; EPIX-10; EPIX-12; EPIX-14; EPIX-13;	13
ALVARENGA, L. C. F. (2004)	EPVIII-6	1
AMARAL, S. (2002)	EPV-1	1
ANDRADE, C. P. (2001)	EPIV-5; EPVII-7; EPVII-1; EPIX-13	4
ANDRADE, F. L. (2011)	EPX-1	1
AQUINO, J. G. (1997)	EPIV-3; EPIV-4; EPV-3	3
AQUINO, E. M. L. (2006)	EPIX-9	1
ARANGO, C. (2011)	EPX-7	1
AREDA, F. (2013)	EPIX-13	1
ARILHA, M. (1998)	EPIX-12	1
ARRIAGADA, T. (2011)	EPIX-16	1
AUAD, D. (2006)	EPVIII-8	1
AVILA, A. H. (2010)	EPIX-6	1
AZEVEDO, M. P. S. (2001)	EPVI-1	1
AZEVEDO, N. (2004)	EPVII-10	1
BANCROFT, J. (1994)	EPIII-1	1
BARCELOS, N. S. (1996)	EPIV-6; EPVI-3	2
BARDI, J. (2005)	EPVII-7	1
BARRETOS, T. A (2010)	EPIX-1	1
BARROS (2012)	EPIX-12; EPX-3	2
BASTOS (2013)	EPX-1	1
BATISTA, I. L. (2011)	EPIX-18; EPX-1; EPX-10;	3
BATISTA, M. L. S. (2012)	EPX-1	1
BEIRAS, A. (2005)	EPVI-1	1
BENINE, A. L (2010)	EPIX-7	1
BESSE, S. K (1999)	EPVII-10	1
BIANCON, M. L. (2005)	EPVI-2; EPIX-11	2
BONATO, N. M. D. (1996)	EPVIII-4	1
BONFIM, C. R. S. (2009, 2012)	EPVIII-4; EPVIII-6; EPIX-6; EPX-4; EPX-11	5
BORBA, J. A. B. (2009)	EPVIII-8	1
BORDINI, S. C. (2008, 2009)	EPVIII-8	2
BOZON, M. (2006)	EPIX-13; EPIX-15	2
BRAGA, E. R. M. (2010)	EPX-11	1
BRANDÃO, E. R. M. (2006)	EPVIII-11	1
BRÉTAS, J. R. (2010)	EPVIII-11	1
BRITZMAN, D. (1996,	EPVI-2; EPVII-4; EPVII-6; EPVIII-5;	7

2001)	EPVIII-8; EPIX-5; EPIX-12	
BRUNS, M. A. T. (1995)	EPIV-3	1
BRUSCHI, I. C. (2003)	EPVII-7	1
BRUSCHINI, C. (2000)	EPVIII-10	1
BUENO, S. M. V. (1997)	EPIV-3	1
CAMACHO, J (2013)	EPIX-16; EPX-1	2
CAMARGO, A. M. F. (1999)	EPVI-2; EPVII-6; EPVII-13;	3
CALAZANS, G. (2005)	EPIX-9; EPIX-2	2
CANO, M. A. T. (2000)	EPIX-11	1
CARIDADE, A. (1997)	EPVI-2	1
CASAGRANDE, L. S. (2006)	EPVIII-8; EPIX-18; EPX-10	3
CARVALHO, F. A (2009, 2011, 2015)	EPVII-7; EPVIII-4; EPVIII-4; EPX-11	4
CARVALHO, M. P. (2010)	EPIX-1	1
CATONNÉ, J. (2001)	EPVII-9	1
CAVALCANTI, R. (1993)	EPVI-3	1
CASTRO, M. G. (2004)	EPVI-1; EPX-2; EPVII-5; EPVII-13; EPIX-6; EPIX-13; EPX-3	7
CASTRO E SILVA, R. (2002)	EPIV-1	1
CESAR, M. R. (2009)	EPVIII-4; EPIX-12	2
CHAUI, M. (1984)	EPVII-7	1
COLLING, E. B. F. (2004)	EPVII-3	1
CORDEIRO, M. D. (2013)	EPX-1	1
CONCEIÇÃO, I. S. C. (1988)	EPIV-3	1
COUTO, C. I. (2002)	EPV-3	1
CORRÊA, A. P. (2003)	EPVI-1	1
COSTA, R. P. (2009)	EPVIII-6; EPIX-1	2
COSTA, R. P. (2005)	EPX-4	1
CRUZ, I. S. (2008)	EPVII-6	1
DÍAS, Z. B. (2010)	EPVIII-8	1
DIAZ, M. (1998)	EPV-1	1
DINIS, N. (2007)	EPVIII-4	1
DUARTE, C. (2010)	EPIX-16	1
EGYTO, A. C. (2003)	EPV-4; EPX-3	2
ESCOBAR, M. E. (2008)	EIX-1	1
FAGUNDES, T. C. P. C. (1992)	EPIV-3	1
FELIPE, J. (2004)	EPVIII-6	1
FERNANDES, G. (2010)	EPIX-1	1
FERREIRA, B. M. M. L. (1999)	EPX-3	1
FERREIRA, L. O. (2008)	EPVII-1	1
FERREIRA, M. M. (2003)	EPVII-2	1
FERREIRA, M. O. V. (2006)	EPVIII-8	1
FIGUEIREDO (2008)	EPX-4	1

FIGUEIRÓ (1996, 1998, 1999, 2001, 2002, 2003, 2005, 2006, 2009, 2013)	EPIV-1; EPVII-1; EPX-4; EPVII-1; EPVIII-1; EPX-11; EPIV-1; EPVI-2; EPVII-1; EPVIII-4; EPX-11; EPVIII-1; EPVIII-6; EPIX-14; EPX-11; EPVI-2; EPIV-1; EPVI-3; EPIV-1	19
FLORES BERNAL, R. (2005)	EPX-8	1
FOUCAULT (1977, 1984, 1985, 1988, 1993, 1997, 1998, 1999, 2003, 2007, 2009)	EPIII-1; EPVI-5; EPVI-2; EPVI-4; EPVII-4; EPVII-11; EPVIII-4; EPVIII-9; EPVIII-12; EPIX-4; EPIX-12; EPX-5; EPX-6; EPVII-11; EPIX-12; EPVII-4	16
FORASTIERI, V. (2004)	EPVII-5	1
FRADE, A. (2001)	EPV-3	1
FRANÇA, E. S. C. (2010)	EPVIII-5	1
FRANÇOSO, L. A. (2001)	EPVI-3	1
FREITAS, K. R. (2010)	EPVIII-5; EPIX-7	2
FRY, P. (1991)	EPVII-11	1
FURLAN, S. A. E. H. (2007)	EPVIII-6	1
FURLANI (2003, 2008, 2009, 2011)	EPVI-1; EPVIII-1; EPVIII-4; EPX-4; EPIX- 7; EPVII-5; EPVII-1; EPVIII-6; EPVIII-8; EPX-6	10
GARCIA, A. M. (2003)	EPVII-7	1
GARCIA, L. V. (2005)	EPX-12	1
GARCIA, M. F. L. (2005)	EVII-1	1
GHERPELLI, M. H. B. (1996)	EPVI-3; EPX-12	2
GIAMI, A. (2004)	EPVIII-9	1
GIDDENS, A (1993)	EPVI-4	1
GIR, E. (200)	EPIV-4; EPIX-2	2
GONÇALVES, B. (2003)	EPX-12	1
GONÇALVES, R. C. (2013)	EPX-12	1
GRIMBERG (1999)	EPIV-5	1
GUIMARÃES, I. R. F. (1995, 2002)	EPIV-1; EPV-3; EPV-4; EPVIII-4	4
HARAWAY, D. (2004)	EPX-1; EPX-10	2
HASSEN, M. N. A. (2002)	EPVI-3; EPX-12	2
HAZARI, Z. (2007)	EPVII-2	1
HEILBORN, M. L. (2003, 2006)	EPIX-13; EPIX-9; EPIX-13; EPVIII-2	4
HENRIQUES, R. (2007)	EPIX-9; EPX-12	2
HIGHWATER, J. (1992)	EPVI-1	1
IMPERATORI, T. (2008)	EPVIII-8	1
JACOBY, J. L. (1999)	EPVII-6	1
JONES, J. (2000)	EPVII-2	1
JOSE, J. (1999)	EPIII-1	1
JUNQUEIRA, R. D. (2009, 2011)	EPIX-5; EPIX-6	2
KALCENIK, J. (1994)	EPV-3	1
KLEIN, T. A. S. (2003)	EPVII-7	1

KUPFER, C. M. (2001)	EPV-3	1
LEÃO, A. M. C. (2009)	EPVIII-6	2
LIMA, A. C. L. M. (2001)	EPX-1	1
LIMA, D. M. (1978)	EPVI-3	1
LIMA, J. C. (1998)	EPIV-5	1
LIMA JUNIOR (2009)	EPVII-2	1
LIRA (2010)	EPIX-8	1
LORECINI-JUNIOR (1997)	EPIV-6; EPV-4; EPVII-1; EPVII-23	4
LOURO (1992, 1995, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2013, 2014)	EPV-2; EPV-3; EPV-5; EPVI-2; EPVII-1; EPVII-3; EPVII-5; EPVII-6; EPVII-9; EPVII-11; EPVII-12; EPVIII-3; EPVIII-6; EPVIII-8; EPVIII-12; EPIX-4; EPIX-5; EPIX-6; EPIX-8; EPIX-10; EPIX-12; EPIX-18; EPX-1; EPX-2; EPX-4; EPX-6; EPX-7; EPX-9; EPX-10; EPIX-13;	30
LOPES, M. M. (1998)	EPIX-18	1
LOPES, F (2010)	EPX-5	1
LOPES, G. (1993)	EPVI-3; EPX-12	2
MACHADO, J. C. F. (1994)	EPIV-4	1
MAGALHÃES, C. (2001)	EPX-2	1
MAIA, A. C. B. (2011)	EPX-5	1
MAISTRO, V. I. A. (2007, 2009)	EPVII-7; EPX-11	2
MANNASERO, M. A. (2003)	EPIX-16	1
MANO, S. (2005)	EPVII-7	1
MANDÚ, E. N. T. (2000)	EPIX-13	1
MARINOBLE, R. M. (1998)	EPVII-5	1
MAROLA, C. A. G. (2011)	EPX-12	1
MARMOR, J. (1973)	EPIII-1	1
MARTINS, E. F. (2007, 2011)	EPVIII-8; EPIX-8; EPIX-18; EPX-10	4
MATEUS, J. R. (2009)	EPVII-11	1
MENEZES, A. B. (2008, 2009)	EPVII-11; EVIII-8	2
MEYER, D. E. (1998, 2001, 2003, 2009)	EPV-3; EPVI-1; EPVII-3; EPIX-5	4
MIRANDA, M. A. G. C. (2012)	EPIX-14	1
MOITA LOPES, L. P. (2002)	EPVI-4	1
MOTT, L. (2003)	EPVII-5	1
MOIZÉS, J. (2007, 2010)	EPVI-1; EPIX-7; EPX-4	3
NASCIMENTO, E. N. (2008)	EPIX-10	1
NAGEM, R. L. (2005)	EPVII-7	1
NEVES, F. R. A. L. (1997)	EPIV-3	1
NUNES, C. (1996, 1997, 2000, 2005)	EPIV-5; EPV-4; EPVI-1; EPVII-1; EPIX-14; EPVIII-1; EPVIII-6; EPX-12	8
OLIVEIRA, D. C. (2009)	EPX-4	1

PARKER, R. G. (1991, 2000)	EPV-1; EPVIII-3	2
PEDROSO, A. G. (1999)	EPV-3; EPVI-1	2
PERES, W. S. (2009)	EPIX-5	1
PETROVIC, J. E (1999)	EPIII-1	1
PICAZIO, C. (1998)	EPVII-5	1
PINHO, M. J. S. (2009)	EPX-10	1
PINTO, E. B (1999)	EPIV-3	1
PRADO, V. M. (2010)	EPIX-1	1
QUADRADO, R. P. (2006)	EPVII-6; EPVII-12; EPVIII-12	3
RABELO, A. O. (2000)	EPVI-3; EPX-12	2
REICHELTMANN, J. C. (1993)	EPV-4	1
REICH, W. (1977)	EPVII-5	1
REIS, G. V. (2002)	EPVII-13	1
REIS, M. H. (2004)	EPVI-1	1
REISS, M. J. (1993, 1995, 1997)	EPIII-1; EPVII-1; EPVII-5	3
RENA, L. B. C. (2006)	EPVII-7	1
REZENDE, F. (2007)	EPIX-9	1
RIBEIRO, H. C. F. (1995)	EPV-3	1
RIBEIRO, J. S. (2003, 2006)	EPIX-1	1
RIBEIRO, M. (1993)	EPIV-1; EPVII-5	2
RIBEIRO, P. C. (2004)	EPIX-1	1
RIBEIRO, P. R. (1990)	EPVII-7	1
RIBEIRO, P. R. M. (1995)	EPVIII-4	1
RIBEIRO, P. R. C. (2002, 2003, 2004, 2007, 2008)	EPVII-3; EPVIII-6; EPVII-6; EPVII-11; EPVII-12; EPVIII-12 EPVI-2; EPIX-2; EPVII-1; EPIX-1	10
RIVEMALES, M. C. C. (2009)	EPVIII-2	1
RESEL, L. B. (2003)	EPIX-2	1
RODRIGUES, I. T. (2002)	EPIX-13	1
ROSELLI-CRUZ, A. (2011)	EPIX-6	1
ROHDEN, F. (2001, 2008, 2009)	EPVII-3; EPVII-4; EPIX-15; EPX-6	4
ROSEMBERG, F. (2001)	EPIX-9	1
ROSISTOLATO, R. P. R. (2003)	EPVI-1	1
SABAT, R. (2000, 2002)	EPVII-3; EPVII-12	2
SAITO, M. I. (2000, 2001)	EPVIII-5; EPVIII-7	2
SANTANA, M. C. (2009)	EPVIII-8	1
SANTOS, C. (2000)	EPIV-3	1
SANTOS, D. B. C. (2009)	EPIX-5	1
SANTOS, E. R. F. (2008)	EPVIII-5	1
SANTOS, S. P. (2013)	EPX-1	1
SAYÃO, R. (1997)	EPIV-3; EPV-4; EPVI-3; EPVII-1; EPVII-13	5
SAYÃO, Y. (1997)	EPV-4; EPVII-13; EPVIII-4; EPIX-13	4
SEFFNER, F. (2008, 2009)	EPVIII-8; EPIX-6	2

SCOTT, J. (1990)	EPVI-4; EPVII-3; EPVIII-8; EPIX-18; EPX-1; EPX-6; EPX-7; EPX-9; EPX-10	9
SCHOREDER, E. (2013)	EPX-5	1
SILVA, F. F. (2011)	EPIX-18; EPX-4	2
SILVA, I. O. (2007)	EPVII-7	1
SILVA, M. P. (2005, 2007)	EPVII-7; EPVIII-1	2
SILVA, R. C. (2002)	EPVII-1	1
SILVA, R. C. P. (2005, 2006)	EPVI-1; EPVII-7; EPVIII-6	3
SILVEIRA, E. F. (2010)	EPIX-10	1
SIMONETTI, C. (1994)	EPVII-1	1
SIMONI, J. M. (1996)	EPIII-1	1
SOARES, R. F. R. (2003)	EPVII-3	1
SOARES, S. M. et al. (2008)	EPIX-7	1
SOLDATELLI, M. M. (2006)	EPIX-10	1
SOUZA, J. F. F. (1999)	EPVII-12	1
SOUZA, M. L. et al. (2010)	EPIX-5	1
SOUZA, H. P. (1991, 1999)	EPIV-4; EPVII-1	2
SUPLICY (1983, 1990, 1993, 1995, 1998, 2000)	EPIV-1; EPIV-3; EPIV-4; EPV-4; EPIV-5 EPIV-6; EPVII-1; EPVIII-7	8
TEIXEIRA, A. B. M. (2009)	EPVIII-9	1
THERBORN, G. (2006)	EPVI-2	1
TIBA, I. (1993)	EPVI-3	1
TAUFER, I. C. (2009)	EPVIII-8	1
TORRES, M. A. (2001)	EPIX-6	1
UMBELINO, C. (2009)	EPVII-1	1
UNBEHAUM, S. (2010)	EPVIII-6	1
VALLADARES, K. K. (2005)	EPVII-12	1
VEIGA, S. G. (1997)	EPV-4	1
VIANNA, C. P. (2011)	EPIX-9	1
VIEIRA, N. F. C. (2001)	EPIV-4; EPIV-5	2
VILLELA, W. V. (2003)	EPV-5	1
VITALLE, M. S. S. (2003)	EPVI-1	1
VITIELLO, N. (1992, 1994, 1997, 1998, 2002)	EPVI-1; EPIV-3; EPIV-4; EPIV-6; EPVI-1; EPVI-3; EPX-12	7
VOYLES, M. M. (2008)	EPVII-2	1
WEEKS, J. (1993, 2000, 2003, 2007)	EPVI-2; EPVII-6; EPVII-11; EPVII-12; EPVIII-3; EPVIII-6	6
WENETZ, I. (2009)	EPIX-5	1
WEREBE, M. J. G. (1993, 1998)	EPIV-1; EPIV-3; EPVII-1; EPVII-5; EPVIII-4; RPVIII-6	6
WILLS, G. (2000)	EPIII-1	1
XAVIER FILHA, C. (2009)	EPIX-12	1
YAÑES, V. A. (1991)	EPV-1	1
ZORDAN, S. (1996)	EPIV-3	1
ZORNIG, S. M. (2008)	EPIX-1	1